



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
JORNALISMO

**RACISMO E FUTEBOL EM 2014:
A COBERTURA DOS PORTAIS UOL ESPORTE E
GLOBOESPORTE.COM**

FELIPE AMENDOLA DIUANA

RIO DE JANEIRO

2016

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
JORNALISMO

**RACISMO E FUTEBOL EM 2014:
A COBERTURA DOS PORTAIS UOL ESPORTE E
GLOBOESPORTE.COM**

Monografia submetida à Banca de Graduação
como requisito para obtenção do diploma de
Comunicação Social/ Jornalismo.

FELIPE AMENDOLA DIUANA

Orientador: Prof. Dr. Fernando Ewerton Fernandez Junior

RIO DE JANEIRO
2016

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO

TERMO DE APROVAÇÃO

A Comissão Examinadora, abaixo assinada, avalia a Monografia **Racismo e Futebol em 2014: a cobertura dos portais UOL Esporte e GloboEsporte.com**, elaborada por Felipe Amendola Diuana.

Monografia examinada:

Rio de Janeiro, no dia/...../.....

Comissão Examinadora:

Orientador: Prof. Dr. Fernando Ewerton Fernandez Junior
Doutor em Ciência da Informação pela Escola de Comunicação - UFRJ
Departamento de Fundamentos da Comunicação - UFRJ

Profa. Dra. Gabriela Nóra Pacheco Latini
Doutora em Comunicação e Cultura pela Escola de Comunicação - UFRJ
Departamento de Comunicação - UFRJ

Prof. Dr. Nilo Sergio Silva Gomes
Doutor em Comunicação Social pela Escola de Comunicação - UFRJ
Departamento de Métodos e Áreas Conexas - UFRJ

RIO DE JANEIRO

2016

FICHA CATALOGRÁFICA

DIUANA, Felipe Amendola.

Racismo e Futebol em 2014: a cobertura dos portais UOL Esporte e GloboEsporte.com. Rio de Janeiro, 2016.

Monografia (Graduação em Comunicação Social/ Jornalismo) –
Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, Escola de Comunicação
– ECO.

Orientador: Fernando Ewerton Fernandez Junior

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais, Jamil e Denise, que desde cedo me ensinaram a importância do estudo e da educação. À minha mãe, em especial, pelo esforço e dedicação durante toda a minha educação básica. Ao meu pai, essencialmente, pelo apoio ao longo do último ano na escola e do começo na faculdade.

Aos meus irmãos, Fabio, Renata e Rosane, sem os quais meus dias seriam bem menos divertidos, e que talvez não estejam acreditando na conclusão desse trabalho, mas que nunca deixaram de acreditar em mim.

Aos meus avós, Armando, Maria Helena e Jamil, pelo auxílio e valores transmitidos ao longo de todos esses anos até hoje. À minha avó Lyette, da qual guardo somente doces lembranças.

Ao professor Fernando Ewerton, pela paciência, dedicação e apoio durante a orientação desse trabalho.

Aos professores Nilo Gomes e Gabriela Nóra, por terem aceitado participar dessa banca. Ao professor Fernando Mansur, que também aceitou, mas se aposentou antes.

À professora Raquel Paiva e à monitora Irene Niskier, pelo auxílio e disponibilidade.

À Bárbara, que confiou a mim seu exemplar de “O Negro no Futebol Brasileiro” durante todos esses meses.

Aos meus amigos, por todos os momentos bons e ruins compartilhados ao longo de quase cinco anos de faculdade.

DIUANA, Felipe Amendola. **Racismo e Futebol em 2014: a cobertura dos portais UOL Esporte e GloboEsporte.com.** Orientador: Fernando Ewerton Fernandez Junior. Rio de Janeiro: UFRJ/ECO. Monografia em Jornalismo.

RESUMO

Este trabalho estuda a cobertura de episódios de racismo no futebol pela imprensa esportiva brasileira, a partir da análise de conteúdo das notícias veiculadas nos portais UOL Esporte e GloboEsporte.com no ano de 2014. A pesquisa se debruça sobre os três casos mais emblemáticos ocorridos no período, todos envolvendo vítimas brasileiras: os jogadores Tinga, Daniel Alves e Aranha. É feita uma análise quantitativa e qualitativa do material publicado sobre os três casos, estudando-os de maneira cronológica e comparando-os entre si e entre os portais. A pesquisa inclui também uma breve contextualização da trajetória do negro no futebol brasileiro, a partir da chegada do esporte ao país, passando por momentos importantes ao longo do século XX até chegar ao século XXI.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	1
2. BREVE HISTÓRIA DO NEGRO NO FUTEBOL BRASILEIRO.....	4
2.1. A “ascensão do negro”.....	9
2.2. A “volta” do racismo	14
3. RACISMO EM 2014: ANÁLISE DE CONTEÚDO	19
3.1. Metodologia.....	20
3.2. O “caso Tinga”.....	22
3.3. O “caso Daniel Alves”.....	27
3.4. O “caso Aranha”	34
4. CONCLUSÃO.....	52
5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	

1. INTRODUÇÃO

Ao abordar a história do futebol brasileiro, é difícil analisá-la sem recorrer ao contexto político e social de cada momento. Muito além de uma atividade lúdica, o futebol também pode ser considerado um fenômeno social e um produto cultural, capaz de revelar traços de nossa sociedade e auxiliar na construção de uma identidade nacional.

Ao analisar o racismo no meio futebolístico, não há como deixar de lado as circunstâncias de cada episódio ou situação. Desde o início do século XX, poucos anos após a abolição da escravidão no Brasil, até o século XXI, quando as denúncias contra o racismo se fizeram mais presentes, a importância do contexto é evidente, seja para tentar entender porque cada caso ocorreu, seja para tentar entender como cada caso é tratado e repercutido.

De tal modo, este trabalho pretende analisar os episódios de racismo envolvendo personagens brasileiros em 2014, ano marcado pela acentuada quantidade de denúncias e casos de preconceito no futebol. A partir da análise de conteúdo das matérias publicadas pelos portais UOL Esporte e GloboEsporte.com, são estudados os três casos considerados mais emblemáticos no período de corte escolhido, envolvendo os atletas Tinga, Daniel Alves e Aranha, sem deixar, contudo, de mencionar outros episódios.

A pesquisa tem também a intenção de assinalar a relevância do debate acerca do tema, uma vez que as manifestações de racismo no futebol permanecem recorrentes, seja no Brasil ou no exterior. À medida que o futebol não pode ser desvinculado do mundo externo e pode ser considerado um reflexo da sociedade em geral, o assunto torna-se ainda mais pertinente, uma vez que tais ações demonstram o racismo existente nos demais setores e meios da sociedade.

Antes, porém, é necessário observar a contextualização histórica, política e social, ainda que brevemente. O capítulo “Breve história do negro no futebol brasileiro” se dispõe a traçar uma linha cronológica da trajetória do negro no esporte que, nos dias atuais, é considerado o mais popular do país. O livro “O Negro no Futebol Brasileiro”, de Mário Filho, e suas respectivas análises, críticas e contraposições são as principais fontes de estudo. Uma vez que o bom jornalismo preza que uma única versão jamais seja considerada como “verdade absoluta”, ressalta-se a importância de dar voz às distintas vertentes e argumentações sobre o tema analisado.

A trajetória do negro no futebol brasileiro é, portanto, analisada desde o final do século XIX, data da chegada “oficial” do esporte de origem inglesa ao nosso país. Desde os tempos de Charles Miller e Oscar Cox, quando começaram a surgir os primeiros clubes e competições, até o início da década de 1920, a presença de personagens negros é quase nula, uma vez que o esporte mantinha um caráter elitista em meio a um país recém-saído da época de escravidão.

Considerados marcos de reviravolta na trajetória do negro no nosso futebol, eventos como a vitória do Vasco no Campeonato Carioca de 1923 e a campanha da Seleção Brasileira na Copa do Mundo de 1938 são destacados, assim como a derrota para o Uruguai na Copa do Mundo de 1950. Segundo os relatos de Mário Filho, os dois primeiros são tratados como fatores de vital importância na “democratização racial” do futebol brasileiro, ao passo em que o terceiro é considerado elemento responsável pelo “recrudescimento do racismo”, que só teria redução após os títulos do Brasil nos Mundiais de 1958 e 1962.

Para além da obra de Mário Filho, são mencionados também o fim da proibição aos negros no Grêmio, após quase meio século de existência do clube, o movimento *Black Power* dos anos 1970, e o cenário atual, no qual o negro está inserido no esporte, mas ainda não plenamente.

No capítulo “Racismo em 2014: análise de conteúdo” são analisados os casos mais emblemáticos ocorridos no ano em questão. Para tal, a seção se divide em três subcapítulos principais, analisando três casos diferentes, além de um subcapítulo explicando a metodologia utilizada para a pesquisa.

Ao todo, foram coletadas 388 matérias que faziam menção a um dos episódios envolvendo Tinga, Daniel Alves ou Aranha. A análise de conteúdo se limitou às publicações produzidas no período em que as situações aconteceram: no primeiro caso, foram recolhidas notícias publicadas no período de uma semana após a denúncia, enquanto nos outros dois casos a análise se estende por duas semanas após a data do episódio.

O primeiro caso abordado aconteceu no dia 12 de fevereiro, no Peru, em partida entre Real Garcilaso e Cruzeiro, válida pela Copa Libertadores, considerado o torneio mais importante da América do Sul. A cada momento que Tinga, jogador do Cruzeiro, recebia a bola, os torcedores locais imitavam barulhos de macaco, em clara manifestação de racismo.

O segundo caso analisado ocorreu em 27 de abril, na Espanha, em jogo do Villarreal contra o Barcelona, pelo Campeonato Espanhol. Na ocasião, a vítima foi o brasileiro Daniel Alves: ao se posicionar para cobrar um escanteio, o atleta viu uma banana ser atirada em sua direção. Percebendo a situação, o atleta comeu a banana ali mesmo, em frente à torcida adversária e às câmeras de televisão.

Já o terceiro e último caso analisado, ocorrido na noite de 28 de agosto, é também o único deles que, além de uma vítima brasileira, também aconteceu no país. Durante partida da Copa do Brasil envolvendo Grêmio e Santos, em Porto Alegre, no Rio Grande do Sul, o goleiro Aranha, do time santista, foi hostilizado pelos torcedores rivais, com xingamentos e gritos de “macaco”.

Para os três casos, é feita uma análise quantitativa e qualitativa sobre as matérias publicadas, estudando-as de modo comparativo a partir do segundo caso. Além disso, o material publicado pelo UOL Esporte é comparado às publicações feitas pelo GloboEsporte.com, de modo a inferir qual portal repercutiu mais cada episódio e as demais diferenças e semelhanças entre cada um.

Por fim, a conclusão deste trabalho procura compreender os motivos para cada caso ter gerado suas respectivas implicações, punições e repercussão, considerando os diversos fatores em cada situação: o quê aconteceu, onde aconteceu, com quem aconteceu, quando aconteceu, em qual contexto, a alusão histórica, o retrospecto, dentre outros. Além disso, é proposta uma reflexão acerca do racismo em nossa sociedade e da maneira como ele é abordado pelos portais esportivos, cujo principal enfoque em seu dia a dia não envolve, necessariamente, questões sociais de tamanha magnitude.

2. BREVE HISTÓRIA DO NEGRO NO FUTEBOL BRASILEIRO

A fim de contextualizar historicamente a análise de conteúdo a ser estudada neste trabalho, e compreender minimamente o papel do negro e do racismo no decorrer dos anos no futebol brasileiro, este capítulo se propõe a discorrer brevemente acerca da trajetória do negro no esporte que viria a se tornar o mais popular do país.

Antes disso, porém, é preciso analisar em qual contexto o futebol começou a ser praticado no Brasil: em que data o esporte teve início, sob quais condições era jogado, onde era praticado, quem o jogava e como era visto pela sociedade.

Não há, contudo, uma data específica que assinale o surgimento do futebol em nosso país. Acontecimentos não documentados defendem que o esporte já seria praticado em solo brasileiro desde os anos 1870, por holandeses no Recife, ingleses no Rio de Janeiro e no interior de São Paulo, e funcionários de uma firma paraense em Belém. Apesar de tais correntes, o momento chave para a, assim tratada, chegada do esporte ao Brasil data do ano de 1895, quando o jovem paulistano Charles Miller voltou de Southampton, no sul da Inglaterra, após dez anos estudando no exterior (MÁXIMO, 1999, pp.179-180).

Com camisas, calções, chuteiras e duas bolas oficiais na bagagem, Miller trazia para a alta sociedade paulistana as primeiras noções de um esporte que se tornara tão popular em solo inglês que já havia sido instituída, 32 anos antes, a *The Football Association*, entidade responsável pelo futebol profissional da Inglaterra até os dias de hoje. Enquanto isso, no Brasil, no dia 14 de abril de 1895, era documentada a primeira partida de futebol do país, disputada na Várzea do Carmo, zona central da cidade de São Paulo, entre jovens considerados de “boa família”, amigos de Charles Miller (*Ibidem*, pp.181-182).

A partir de então, o futebol começou a se difundir entre a elite paulista: na capital, foram fundados clubes esportivos voltados para o futebol, como o Sport Club Germânia, o Sport Club Internacional e o Club Athletico Paulistano. O São Paulo Athletic Club, que já existia desde 1888, também passou a adotar o “novo esporte” um ano após o retorno de Miller ao Brasil. Em Campinas, surgiu a Associação Atlética Ponte Preta.

Com a difusão do futebol através de clubes da elite, a maioria dos jogadores era descendente de europeus. Pobres raramente tinham vez e os negros se incluíam neste grupo, afinal, da abolição da escravidão até a chegada “oficial” do futebol ao Brasil,

não haviam se passado sequer sete anos. Considerando todo o contexto político do país, ainda engatinhávamos em busca de uma identidade: éramos independentes havia menos de um século e a República existia há cerca de seis anos. No comando do país, estava Prudente de Morais: o primeiro presidente civil do Brasil, representante da elite paulista e da oligarquia cafeeira (MORAES, 1989).

À época, o esporte era algo exclusivo das classes mais altas da sociedade. No século XIX, não havia, por exemplo, cobertura da imprensa, com a responsabilidade de espalhar entre os cidadãos as últimas novidades do mundo esportivo (LEMOS, 2007). Os acontecimentos dos esportes ficavam restritos ao próprio universo, ao próprio círculo particular. No Rio de Janeiro, capital federal, os mais praticados eram o remo e o turfe: duas opções de difícil acesso para quem não tinha um barco ou um cavalo.

Enquanto Miller fora o responsável por impulsionar o futebol na cidade de São Paulo e adjacências, outro representante da burguesia, com história similar, teria propagado o esporte bretão entre os cariocas. Em 1898, Oscar Cox retornara de seus estudos em Lausanne, na Suíça, decidido a fundar seu próprio clube de futebol (NAPOLÉÃO, 2006, p.81).

A princípio, Cox se limitou a ensinar os fundamentos e as regras do esporte aos membros do Paysandu Cricket Club, atualmente Paissandu Atlético Clube, aproveitando a estrutura que o clube já oferecia. Em 21 de julho de 1902, porém, o descendente de britânicos fundaria um dos primeiros clubes da cidade voltado exclusivamente para futebol: o Fluminense Football Club, em uma casa no bairro do Flamengo, poucos dias após o surgimento do Rio Football Club, o pioneiro. Logo novas agremiações surgiram, com destaque para o Football and Athletic Club e o América Football Club, na zona norte; o Botafogo Football Club, na zona sul; e o The Bangu Athletic Club, na zona oeste (*Ibidem*, p.82).

Cada um com sua história, todos os clubes tinham uma característica em comum: foram fundados por membros da elite, sejam brasileiros de ascendência estrangeira ou imigrantes que trabalhavam no Brasil. Não à toa, as grafias dos nomes continham palavras em inglês, algumas mantidas até hoje, outras aportuguesadas. Segundo Mário Filho, o Bangu, por exemplo, era um clube de ingleses “tão ingleses que tinha o *The*” (1964, p.3). Entre seus fundadores, sete ingleses, um italiano e apenas um brasileiro, branco, todos trabalhadores da Companhia Progresso Industrial, uma fábrica de tecidos localizada no bairro homônimo ao clube.

Dessa forma, mantinha-se um racismo velado. A princípio, negros não eram proibidos de participar, mas os pobres não tinham vez, seja por falta de aporte financeiro (o Fluminense, por exemplo, começou cobrando mensalidade de cinco mil réis, fora as subscrições) ou por proibição não declarada. Mário Filho exemplificou a questão ao falar de uma hipotética transferência de um jogador mulato, possivelmente, do futebol paulistano para o futebol carioca.

Não se tratava de só querer branco legítimo. Ninguém no Fluminense pensava em termos de cor, de raça. Se Joaquim Prado, *winger-left* do Paulistano, quer dizer, extrema-esquerda, preto, do ramo preto da família Prado, se transferisse para o Rio, seria recebido de braços abertos pelo Fluminense. Joaquim Prado era preto, mas era de família ilustre, rico, vivia nas melhores rodas. (1964, p.13)

Com o surgimento dos clubes, logo precisou ser criada uma liga. Em 8 de julho de 1905, a Liga Metropolitana de Football (LMF) tomou forma, com adesão de Fluminense, Botafogo, América, Football and Athletic Club e Bangu, membros fundadores, além do Rio Cricket & Athletic Association e do Paysandu Cricket Club, agremiações de associados britânicos, o que dava credibilidade à entidade (NAPOLEÃO, 2006, p.83).

Mais uma vez, apesar do caráter elitista das equipes fundadoras e integrantes, não havia restrição explícita a nenhum tipo de etnia por parte da liga, como relata Mário Filho na nota ao leitor da primeira edição do livro “O Negro no Futebol Brasileiro”:

As leis das entidades não tocam, nem de leve, em questões de raça. Limitando-se a levantar barreiras sociais, proibindo que trabalhadores braçais, empregados subalternos, contínuos, garçons, barbeiros, praças de pré e por aí afora, jogassem futebol em clubes filiados. (1964)

Mesmo sem o impedimento por parte dos regulamentos e estatutos, os negros não eram bem vistos nos clubes, de uma maneira geral, segundo Mário Filho. No início do século XX, jogar por um time de futebol não era uma atividade isolada em si: os jogadores frequentavam os clubes, participavam de bailes e jantares, precisavam vestir trajes a rigor. Em suma, quem não se enquadrasse em tais cenários também não poderia defender as cores do time dentro dos gramados.

Ainda assim, havia atletas negros e mulatos nos clubes da elite. Uma das histórias mais famosas do futebol brasileiro recorda o ano de 1914, quando o jogador Carlos Alberto se transferiu para o Fluminense.

Antes de jogar no Fluminense, Carlos Alberto era jogador do América. De acordo com Mário Filho, ele jogava no segundo time do clube da zona norte e “quase ninguém reparou que ele era mulato” (1964, p.43). Uma vez no time da zona sul, porém, o atleta teria ficado receoso acerca do tom de sua pele e, tentando disfarçar sua cor, passava pó de arroz no rosto. Ao defrontar seu ex-clube, os torcedores americanos não perdoavam e gritavam “pó de arroz” das arquibancadas e, aos poucos, o apelido recaiu também sobre o Fluminense.

Em seu site oficial, o time das Laranjeiras desmente a versão de Mário Filho. Segundo o clube, Carlos Alberto cultivava o hábito, desde os tempos de América, de passar pó de arroz no rosto após fazer a barba. Os gritos vindos da arquibancada nada mais seriam do que reflexos da saída do atleta do clube, que teria deixado a torcida americana chateada (VIEIRA, 2015).¹

De fato, é questionável a afirmação de Mário Filho de que a torcida do América não notava, antes da transferência para o Fluminense, que Carlos Alberto fosse mulato. Principalmente por conta do relato que o próprio autor faz sobre a chegada do jogador Manteiga à equipe tijucana, alguns anos depois, em 1921.

Manteiga era “um preto, marinheiro e que jogava melhor que muito branco” (RODRIGUES FILHO, 1964, pp.54-55). Segundo Mário Filho, com Manteiga no time não havia derrota. Ainda assim, teria havido cisão dentro do clube por conta da presença de um negro no plantel: alguns jogadores teriam se recusado a jogar ao lado de Manteiga, enquanto torcedores de famílias tradicionais se negaram a continuar torcendo pelo América, passando a preferir o Fluminense.

Outro mulato que conseguiu espaço no futebol nos anos de 1910 foi Artur Friedenreich. Apesar do sobrenome alemão, sua mãe era brasileira e negra. Nascido em São Paulo, atuou quase toda a carreira em clubes da cidade, como o Germânia e o Mackenzie. Em 1917, transferiu-se para o Rio de Janeiro, para atuar no Flamengo, surgido seis anos antes, oriundo do remo, após divergências entre jogadores do Fluminense.

A melhor fase de sua trajetória, porém, aconteceu enquanto defendia as cores do Paulistano, entre 1917 e 1929. Convocado para a Seleção Brasileira, Friedenreich fez o gol da vitória na final do Campeonato Sul-Americano de 1919, diante do Uruguai, já na

¹ *Conheça a verdadeira história sobre a origem do pó de arroz do Tricolor.* Disponível em: <http://www.fluminense.com.br/site/futebol/2015/05/13/conheca-a-verdadeira-historia-sobre-a-origem-do-pó-de-arroz/>. Acesso em: 9 de fevereiro de 2016

prorrogação. Tal gol teria representado uma reviravolta na trajetória do negro no futebol brasileiro, a partir de então. Mário Filho defende que Friedenreich foi o responsável pelo que chamou de “democratização do futebol brasileiro” (1964, p.54). No entanto, para o cronista, não foi o gol de 1919 que deu ao filho de alemão e negra tal crédito, mas sim o fato de Friedenreich ser mulato.

A popularidade de Friedenreich se devia, talvez, mais ao fato dele ser mulato, embora não quisesse ser mulato, do que dele ter marcado o gol da vitória dos brasileiros. O povo descobrindo, de repente, que o futebol devia ser de todas as cores, futebol sem classes, tudo misturado, bem brasileiro. (1964, p.54)

A essa altura, o futebol não era mais um círculo fechado em si. Diferentemente de esportes como o remo e o turfe, o futebol podia ser improvisado entre as camadas mais pobres: ruas como campos, marcações como traves e meias como bolas. Assim, o futebol se popularizou entre aqueles que eram impedidos de se associar a um clube ou disputar partidas oficiais. Mas não por isso a “democratização” estava feita.

Antonio Jorge Soares, por exemplo, chama essa teoria de “mito fundador do processo de democratização do futebol brasileiro” (HELAL, SOARES & LOVISOLO, 2001, p.18), defendendo que Mário Filho se apoia em Gilberto Freyre ao afirmar que “o imaginário popular prefere acariciar um herói ou santo com barba e cabelo carapinha do que um louro de olhos azuis” (RODRIGUES FILHO *apud* SOARES, 2001, p.18).

O historiador Luiz Carlos Ribeiro, da Universidade Federal do Paraná, reconhece que o negro começou a ganhar espaço a partir dos anos 1920, mas também rechaça a “democratização” ao afirmar que “o negro foi se inserindo, mas sempre com um lugar bem definido dentro da estrutura esportiva futebolística: como atleta, mas raramente como dirigente ou técnico” (RIBEIRO *apud* NEHE, 2014).²

O Bangu, por exemplo, aos poucos foi naturalmente admitindo negros em sua equipe de ingleses, ainda que “sem exageros”, escalando operários da Companhia Progresso Industrial (RODRIGUES FILHO, 1964, p.60). No campo dos adversários, tal decisão gerava problemas e conflitos: segundo Mário Filho, até mesmo os torcedores negros de Fluminense, Botafogo, Flamengo ou América, frequentadores da geral, usavam do preconceito para intimidar os jogadores banguenses, com termos como

² *Futebol, racismo e o mito da "democracia racial"*. Disponível em: <http://www.cartacapital.com.br/sociedade/futebol-racismo-e-o-mito-da-democracia-racial-1282.html>. Acesso em: 9 de fevereiro de 2016

“negro sujo”. No bairro de Bangu, porém, a vantagem era dos donos da casa e o clube “lamentava não ter mais pretos no time”, uma vez que, sem a torcida contra, eram eles quem intimidavam os jogadores brancos, dentro de campo (*Ibidem*, p.80).

Não obstante, o branco ainda era considerado futebolisticamente superior ao negro. De 1906, ano do primeiro campeonato da Liga Metropolitana de Football, até 1922, apenas “times de brancos” conquistaram o troféu de campeão: Fluminense, Botafogo, Paysandu, América e Flamengo. O Bangu tinha como maiores feitos dois terceiros lugares, em 1916 e 1921; o Andarahy, outro clube de operários, dentre eles negros e mulatos, já fizera muito ao conquistar a quarta colocação em 1921.

Essa sina só acabou em 1923. Em seu primeiro ano na primeira divisão, após ter conquistado a segunda divisão no ano anterior e ter derrotado o São Cristóvão em uma eliminatória para participar do primeiro escalão da LMF, o Vasco da Gama venceria o Campeonato Carioca repleto de negros e mulatos em seu time.

2.1. A “ascensão do negro”

Apesar do pioneirismo em vitórias, a presença de negros no clube de origem portuguesa se deu mais por necessidade do que por qualquer outro motivo. Mário Filho ressalta que “para o preto entrar no Vasco tinha de ser já bom jogador. Entre um branco e um preto, os dois jogando a mesma coisa, o Vasco ficava com o branco” (1964, p.120). Para montar um time competitivo em 1923, o Vasco contratou jogadores de times menores, muitos sem a fidalguia e o caráter elitista que tinham o América e o trio da zona sul formado por Fluminense, Botafogo e Flamengo. Outros jogadores do Vasco eram oriundos de campos de pelada, sem nunca ter jogado em um clube.

Antes mesmo do fim do campeonato, as equipes consideradas grandes já mostravam preocupação em relação ao Vasco. Para Mário Filho, a preocupação ultrapassava a esfera desportiva, se tratava de uma questão racial. O intervalo de uma partida entre Vasco e Flamengo naquele ano, então marcando o placar de 2 a 0 a favor do time da zona sul, descrevia bem a situação.

O Flamengo deixara de ser um clube, um time, era todos os clubes, todos os times, o futebol brasileiro, branquinho, de boa família. Tudo entrava nos eixos novamente. Os melhores jogadores continuavam a ser brancos. (...) os pretos nem tinham dado para a saída. (RODRIGUES FILHO, 1964, p.126)

Ao fim do duelo, vitória por 3 a 2 para os flamenguistas. O Vasco fora finalmente derrotado. A cidade teria vivido um segundo carnaval, com torcedores dos demais clubes esquecendo a rivalidade e comemorando a vitória do Flamengo. Contudo, o revés vascaíno não se repetiria e o clube ficaria com o troféu. Para Mário Filho, a conquista representava o início de uma revolução no futebol brasileiro: “desaparecera a vantagem de ser de boa família, de ser estudante, de ser branco” (*Ibidem*, pp. 127-128).

A reação dos grandes ao título vascaíno foi imediata: em 1924, foi criada a Associação Metropolitana de Esportes Athleticos (AMEA), uma nova entidade para organizar o campeonato, substituindo a LMF. Liderada por América, Botafogo, Flamengo e Fluminense, a associação vetou a participação do Vasco alegando que o clube não tinha um campo apropriado para jogar. Para Mário Filho, o motivo não passava de um pretexto por conta da presença de negros e mulatos no plantel vascaíno (1964, p.134).

Antonio Jorge Soares, porém, questiona tal interpretação, afirmando que Mário Filho “depois de deixar transparecer que a questão racial teria motivado a criação da AMEA (...), começa a inserir detalhes ou dados que fragilizam a interpretação racial que dá à primeira vista” (HELAL, SOARES & LOVISOLO, 2001, p.21). De fato, outros clubes que aceitavam negros em seus times participaram da AMEA, como o Bangu e o São Cristóvão.

De tal modo, o campeonato de 1924 se dividiu em dois: o organizado pela AMEA foi vencido pelo Fluminense, enquanto o Vasco disputou e venceu o torneio realizado pela Liga Metropolitana de Desportos Terrestres, entidade criada após a cisão da LMF.

O veto ao “clube de portugueses” não duraria muito. Em 1925, após baixa presença de público no ano anterior, a AMEA convidou o Vasco para jogar seu campeonato. E a estratégia deu certo: no campeonato de 1925, a AMEA faturou 104% a mais do que em 1924; a presença de público também aumentou em 130% (SANTOS, 2010, pp.344-347). O Vasco, time sensação de 1923, que não se intitulava nobre, atraía as massas e gerava receitas.

A aceitação ao clube, porém, vinha sob condições: o Vasco não poderia jogar em seu campo, na Rua Morais e Silva. Assim como no ano anterior, nenhum jogador da AMEA poderia ser desempregado, viver apenas de futebol. Isso acabava com uma vantagem do Vasco, uma vez que seus atletas não poderiam mais treinar ou bater bola durante a semana, sob o risco de serem descobertos e excluídos da associação.

A decisão de incluir o time vascaíno na AMEA tampouco sentenciava o fim do racismo. A descrição de uma partida daquele ano, disputada no estádio do Fluminense com mando de campo do Vasco, ilustra bem a situação: Nelson Conceição, goleiro vascaíno, sofrera com gritos e insultos da torcida do Fluminense. Mário Filho não descreve o teor dos insultos, mas dá a entender que eram por conta de sua cor ao afirmar que a torcida “tinha o direito de fazer o que bem entendesse, principalmente com um Nelson Conceição, um mulato com cara de macaco” e “os sócios do Fluminense mais dispostos largavam as cadeiras da bancada social, preferiam ficar debaixo do sol (...). Assim, tinham mais liberdade de decompor o preto” (1964, p.146).

À época, o Vasco se queixou do ocorrido. O Fluminense respondeu que não podia fazer nada em relação aos sócios que frequentavam suas arquibancadas. E coube ao Vasco mudar de campo: no estádio do Flamengo, a situação não mudou, e o clube só encontrou sossego quando passou a jogar em Barão de São Francisco Filho, no Andaraí (*Ibidem*, pp.146-147).

O racismo no futebol na década de 1920 não ficou restrito somente aos clubes e torcedores. Em 1921, por motivos de “prestígio pátrio”, o então presidente do Brasil Epitácio Pessoa teria vetado a presença de atletas negros na Seleção Brasileira que disputaria o Campeonato Sul-Americano daquele ano (ALCHORNE, 2016).³ À época, o escritor Lima Barreto protestou contra a decisão e publicou dois artigos no semanário político A.B.C., nos quais afirmava que o “fardo do homem branco era surrar os negros” e contestava que “quando não havia *foot-ball*, a gente de cor podia ir representar o Brasil em qualquer parte” (BARRETO *apud* GONÇALVES JUNIOR, 2008, p.79).

Apesar dos indícios acerca de tal decisão e das reclamações de Lima Barreto em 1921, há uma corrente que defende que Epitácio Pessoa jamais promulgou decreto algum vetando os negros da Seleção Brasileira. Marcílio Toscano Franca Filho, pós-doutor em Direito pelo Instituto Universitário Europeu de Florença e professor do Instituto de Educação Superior da Paraíba, contesta a informação baseando-se nos dados da legislação federal:

Em que pese a ausência de jogadores negros na seleção de 1921, não se pode definitivamente atribuir a Epitácio Pessoa aquele indecoroso

³ A ambígua trajetória do racismo no futebol no Brasil. Disponível em: <http://www.cartaeducacao.com.br/aulas/medio/a-ambigua-trajetoria-do-racismo-no-futebol-no-brasil/>. Acesso em: 11 de fevereiro de 2016

décret de blancheur. Com efeito, em toda a base de dados da legislação federal, a cargo do Senado Federal, não há um único ato jurídico (seja lei, decreto ou portaria) de Epitácio Pessoa que aborde esse assunto ou tenha finalidade sequer parecida. (FRANCA FILHO, 2010, p.2)

De qualquer maneira, tenha sido por recomendação do presidente ou por decisão do técnico Ferreira Vianna Netto, nenhum atleta negro participou da competição em 1921, entre eles o craque Friedenreich, herói do título de 1919. Com um time formado exclusivamente por brancos, o Brasil terminou a competição em segundo lugar, atrás da Argentina. Em 1922, já com a volta dos atletas negros e mulatos, o Brasil conquistaria o Sul-Americano pela segunda vez.

Tal caso levanta a hipótese de que, àquela época, o futebol conseguia ser ainda mais racista que outros meios da sociedade brasileira. Além da citação já mencionada de Lima Barreto, afirmando que os negros podiam representar o Brasil em qualquer parte, desde que não envolvesse futebol, um trecho de “O Negro no Futebol Brasileiro” sobre o Flamengo da década de 1920 transparece ideia similar.

Por isso, em futebol, o Flamengo não fazia concessões. Podia ter um preto em outro esporte, até no remo. O caso de Zé Augusto. Um preto campeão de atletismo, campeão de remo, jogador de basquete, jogador de *water-polo*, praticando um pouco de cada esporte, só não se metendo a jogar futebol. (RODRIGUES FILHO, 1964, p.149)

Ainda segundo o autor, a presença de negros nos clubes de futebol daria um ar de “time pequeno” às agremiações, exceção feita ao Vasco (*Ibidem*, p.160). Esse cenário só mudaria ao longo das décadas de 1930 e 1940.

Eram outros tempos na política e na ideologia brasileiras. O presidente era Getúlio Vargas e parte da política governamental do Estado Novo era criar as noções de “nação”, “cidadania” e “brasilidade” a partir de elementos da cultura popular nacional, como o samba, o carnaval e o futebol (NASCIMENTO, 2008, p.1). Os dois primeiros, claramente influenciados e relacionados à cultura negra, enquanto o terceiro vinha tentando se incluir nessa classificação.

Segundo analisa Fernanda Ribeiro Haag, era “um período de tentar compreender e interpretar o Brasil, buscava-se uma nova consciência nacional através da reafirmação das nossas raízes” (2014, p.2). A busca pela tal “identidade nacional” se refletia em diversos aspectos da nossa sociedade, inclusive no futebol e na literatura. Assim, é possível analisar as mudanças que ocorreram no esporte bretão, especialmente em

relação ao negro, mas não se pode deixar de considerar que os autores da época, inclusive Mário Filho – que publicou a primeira edição de “O Negro no Futebol Brasileiro” em 1947 – também passavam pelo mesmo período de mudanças e tentativas de compreensão do Brasil.

Nesse cenário, surgia um discurso que edificava o “abrasileiramento” do futebol, não mais como uma mera reprodução do esporte vindo da Inglaterra, praticado por brancos, e sim como um meio pautado pela miscigenação. Pela primeira vez, portanto, a presença do negro no futebol brasileiro era valorizada. O título da Copa Rio Branco de 1932, torneio disputado entre as seleções do Brasil e do Uruguai, teria sido o ápice, até então, da importância da mistura do nosso futebol, como descreveu José Lins do Rego após a conquista.

Os rapazes que venceram, em Montevideu, eram um retrato da nossa democracia social, onde Paulinho, filho de família importante, se uniu ao negro Leônidas, ao mulato Oscarino, ao branco Martim. Tudo feito à boa moda brasileira. (LINS DO REGO *apud* RODRIGUES FILHO, 1964, p.214)

Outro intelectual da época que ganhava notoriedade a partir de estudos sobre a formação social do nosso país era Gilberto Freyre. “Casa Grande e Senzala” foi publicado pela primeira vez em 1933, destacando a importância da mestiçagem e apontando o fenômeno como uma característica ímpar e positiva do brasileiro, inclusive no futebol.

A Copa do Mundo de 1938, disputada na França, serviu para corroborar esses ideais que vinham sendo reforçados na cultura nacional. Pela primeira vez “com sua força máxima”, com um time misturando negros como Leônidas e Domingos da Guia aos brancos Patesko (de origem polonesa) e Martim, a expectativa era de que a Seleção mostrasse o seu verdadeiro futebol no exterior e conquistasse o título. Depois de vencer a Polônia e a Tchecoslováquia, o Brasil foi eliminado na semifinal ao perder para a Itália, campeã de 1934, sofrendo um gol de pênalti contestado pelos jogadores brasileiros. Na final, os italianos bateriam também os húngaros, conquistando o bicampeonato. Ao Brasil, restou a terceira colocação, após golear a Suécia.

A derrota brasileira repercutiu como uma catástrofe no país. Em seu diário, Getúlio Vargas chegou a anotar que “o jogo de *football* monopolizou as atenções. A perda do *team* brasileiro para o italiano causou uma grande decepção e tristeza no espírito público, como se se tratasse de uma desgraça nacional” (VARGAS *apud*

NASCIMENTO, 2008, p.7). No entanto, a participação em 1938 havia sido a melhor do Brasil em Copas do Mundo, eliminado na primeira fase nas edições de 1930 e 1934. Apesar da tristeza inicial, o time brasileiro foi ovacionado pelos torcedores ao retornar ao país. Artilheiro da competição, Leônidas tornou-se figura tão popular que se transformou em garoto-propaganda de um novo chocolate: seu apelido “Diamante Negro” passou a dar nome ao novo produto da Lacta, lançado em 1939 (NASCIMENTO, 2008, p.8).

Levando em consideração tal época e tais circunstâncias, Mário Filho fechava a primeira edição de “O Negro no Futebol Brasileiro”, em 1947, em tom de otimismo, exaltando a mobilidade social do negro e a democratização racial.

(...) em *foot-ball* não havia o mais leve vislumbre de racismo. Todos os clubes com seus mulatos e pretos. Um preto marca um *goal*, lá vêm os brancos abraçá-lo, beijá-lo. O *goal* é de um branco, os mulatos, os pretos, abraçam, beijam o branco. (RODRIGUES FILHO *apud* SOARES, 2001, p.18)

Na segunda edição do livro, publicada em 1964, o trecho citado já não é mais encontrado. De acordo com Antonio Jorge Soares, “esse e outros tipos de afirmação sobre o poder democrático do futebol e o fim do racismo foram suprimidos” (HELAL, SOARES & LOVISOLO, 2001, p.23). O negro, afinal, havia conseguido se inserir no futebol brasileiro, mas isso não significava que o racismo havia acabado, como “O Negro no Futebol Brasileiro” também viria a demonstrar, em seus dois novos capítulos, adicionados na edição seguinte.

2.2. A “volta” do racismo

A década de 1950 teria marcado o “recrudescimento do racismo”, segundo Mário Filho. O exemplo mais famoso teria acontecido na Copa do Mundo de 1950, realizada no Brasil. A Seleção chegara à última partida do quadrangular final após golear a Suécia por 7 a 1 e a Espanha por 6 a 1. Os únicos que poderiam tirar o título dos brasileiros eram os uruguaios, adversários do confronto decisivo no Maracanã. Em caso de empate, o troféu ficaria para o Brasil. O otimismo da torcida, entretanto, não admitiria que o título viesse sem uma vitória, mesmo após o fim do primeiro tempo.

Era a vitória, o zero a zero, era o campeonato do mundo. Mas ninguém se lembrava disso. Ou se lembrava apenas para sentir um nó na garanta, um frio no estômago, o medo, e mais do que o medo, a vergonha de um

empate. Todos tinham ido ao Maracanã para ver outra goleada. Era o que esperavam milhões de brasileiros. (RODRIGUES FILHO, 1964, p.333)

Logo no começo do segundo tempo, Friaça abriu o placar para o Brasil. Dezenove minutos depois, o Uruguai empatou a partida com um gol de Schiaffino. Ao descrever o lance, Mário Filho destaca as falhas do zagueiro Bigode e do goleiro Barbosa. A “tragédia”, porém, ainda estava por vir: a 12 minutos do fim do jogo, Gigghia marcou o segundo gol dos uruguaios, o gol da vitória. Mais uma vez, Mário Filho descreve como Barbosa fora o responsável pelo tento adversário ao afirmar que “em vez de puxá-la [a bola], o que fez foi desviar-lhe o caminho, de fora para dentro do gol” (*Ibidem*, p.334). Além de Bigode e Barbosa, o zagueiro Juvenal também foi apontado como culpado pelo técnico Flávio Costa.

Coincidência ou não, os três jogadores responsabilizados pela derrota eram negros. Teria começado, então, um movimento contrário à mestiçagem, antes exaltada: o brasileiro passou a ser considerado uma “sub-raça” (*Ibidem*, p.335). Antonio Jorge Soares, mais uma vez, contrapõe Mário Filho ao afirmar que “a pesquisa nos jornais da época não registra nenhuma referência à culpa pelo fato de os três serem negros” (HELAL, SOARES & LOVISOLO, 2001, p.24). O autor também interpreta que a culpa ao trio é mais bem atribuída porque “em futebol, a defesa e o goleiro aparecem facilmente como culpados e vilões da derrota” (*Ibidem*, p.41). Tanto Mário Filho quanto Soares destacam que outros atletas negros daquele time, como Bauer, Jair da Rosa Pinto e Zizinho não foram responsabilizados em momento algum.

Já Ronaldo Helal e Cesar Gordon Jr. rechaçam a contraposição de Soares, alegando que, mesmo sem demais registros ou documentos oficiais, a obra de Mário Filho pode, sim, ser usada como referência histórica, uma vez que o livro foi montado a partir de depoimentos de pessoas envolvidas (HELAL, SOARES & LOVISOLO, 2001, p.54).

Em todo caso, Barbosa sofreu por anos por conta da derrota brasileira: em 1993, aos 72 anos, chegou a ser barrado na concentração da Seleção Brasileira, que enfrentaria o Uruguai alguns dias depois (O ESTADO DE S.PAULO, 2014).⁴ Outra corrente defende que todos os goleiros negros pagam a conta, até os dias atuais, pela falha de

⁴ *A pena perpétua de Barbosa*. Disponível em: <http://esportes.estadao.com.br/noticias/futebol,copa-do-mundo,a-pena-perpetua-de-barbosa,1508993>. Acesso em: 12 de fevereiro de 2016

Barbosa (RIBEIRO, 2015).⁵ Na Seleção, um arqueiro negro só voltaria a se firmar como titular no final dos anos 1990 e só ganharia a vaga em uma Copa do Mundo em 2006, nas duas ocasiões com Dida.

Pouco tempo depois do revés na Copa do Mundo, o racismo ainda se mostrava presente em nosso futebol, em especial no Rio Grande do Sul de 1952. Quase meio século após a sua fundação, em 1903, o Grêmio autorizava a participação de atletas negros em sua equipe, em busca de melhores resultados. Em nota publicada no jornal *Correio do Povo*, o presidente do clube Saturnino Vanzelotti alegava que “seguia o exemplo das agremiações mais tradicionais do país e do continente” e que a restrição aos negros não tinha mais cabimento em tempos de futebol profissional (MANENTI, 2014).⁶

A reação da torcida do Grêmio não foi positiva. Dois dias depois, o *Correio do Povo* publicou uma nota anônima, assinada por “ex-associados e simpatizantes descontentes”, na qual a decisão de Vanzelotti era contestada (CORREIO DO POVO, 1952).⁷ Apesar dos protestos, a medida se manteve e, no mesmo ano, o Grêmio contratou o atacante Tesourinha, o primeiro jogador negro da história do clube.

A contratação não foi impensada. Após o vexame da Copa do Mundo de 1950, o Grêmio não queria abrir brecha para que um atleta negro fosse hostilizado e responsabilizado por um possível fracasso do clube, como acontecera com Barbosa. Assim, Tesourinha foi escolhido a dedo: depois de uma passagem vitoriosa pelo Internacional, maior rival gremista, o atacante havia se aventurado no Rio de Janeiro, onde também fez sucesso e conquistou o Campeonato Carioca de 1950 pelo Vasco.

Tesourinha não se destacou com a camisa gremista, mas também não chegou a ser uma decepção. Sua passagem, porém, entrou para a história do Grêmio, abrindo caminho para novos jogadores negros brilharem no tricolor de Porto Alegre, como Aírton Ferreira da Silva e Juarez Teixeira, ainda na década de 1950; Ortunho e Everaldo, nos anos 1960; e Tarciso, na década de 1970.

Em 1964, Mário Filho fechava a segunda edição de “O Negro no Futebol Brasileiro” mais uma vez em tom de otimismo e exaltação à mestiçagem, como fizera

⁵ *A vingança de Barbosa: a luta do goleiro negro por respeito*. Disponível em: <http://www.cartacapital.com.br/blogs/escritorio-feminista/a-vinganca-de-barbosa-a-luta-do-goleiro-negro-por-respeito-9005.html>. Acesso em: 12 de fevereiro de 2016

⁶ *Futebol a cores, uma história de racismo no Rio Grande do Sul*. Disponível em: <https://medium.com/brasil-da-ilhota-a-arena-de-tesourinha-a-patricia-moreira-739caea6b382#.q8eoff351>. Acesso em: 12 de fevereiro de 2016

⁷ “*Confissão Oficial*”... *A direção do Grêmio agiu arbitrariamente*. Disponível em: https://cdn-images-1.medium.com/max/600/1*RpCGFeZOp1UmuZq5H4gndg.jpeg. Acesso em: 13 de fevereiro de 2016

na primeira edição. Dessa vez, os responsáveis pela conquista da “democracia racial” teriam sido Garrincha e Pelé.

O preconceito racial (...) só encontraria seu fim após superar a provação da derrota através das vitórias nas Copas de 58 e 62, pois os heróis seriam Pelé e Garrincha, um negro e um mulato, respectivamente e que mostrariam ao mundo o valor positivo da nossa mestiçagem. Notamos assim que não há uma mudança na tese geral de Mário Filho e sim na sua argumentação, para ele o futebol ainda é local de ascensão social para negros e mulatos e ainda proporciona um ambiente de harmonia social. (HAAG, 2014, p.12)

Apesar de tal conclusão, tampouco a harmonia social quanto a racial se tornaram regras no futebol ou na sociedade brasileira. O jogador da Seleção Brasileira Paulo Cézar Caju, por exemplo, relatou situações de preconceito quando viajou, na década de 1960, pelo interior do Brasil com a equipe do Botafogo: “Uma das coisas que mais me chocaram foram as tabuletas que encontramos em bares e restaurantes (...) no Rio Grande do Sul, onde dizia: proibida a entrada de negros” (LIMA *apud* FAVERO, 2012).⁸

Nos anos 1970, em meio à ditadura militar, jogadores brasileiros adotaram para si o movimento *Black Power*, surgido alguns anos antes nos Estados Unidos. O cabelo afro virou sensação, tanto entre os menos politizados publicamente, como Jairzinho, quanto entre os mais ativistas, como Reinaldo (PEREIRA, 2014).⁹ O atacante mulato do Atlético Mineiro, inclusive, tinha o costume de comemorar seus gols com o punho erguido e fechado, em alusão aos atletas negros John Carlos e Tommie Smith, dos Estados Unidos, que fizeram esse gesto nos Jogos Olímpicos de 1968, durante a cerimônia de entrega de medalhas da prova dos 200 metros rasos. Tais atletas, por sua vez, se inspiraram nos Panteras Negras, grupo revolucionário norte-americano que lutava pelos direitos da população negra (ROCHA, 2014).¹⁰

Outro ponto que chama a atenção e contrapõe a ideia de que o futebol tornou-se um meio de igualdade racial é o fato de que, ao longo do século XX até os dias de hoje,

⁸ *Relembre Zé Roberto e outros casos de racismo no futebol gaúcho*. Disponível em: <http://esportes.terra.com.br/futebol/estaduais/campeonato-gaucha/relembre-ze-roberto-e-outras-casos-de-racismo-no-futebol-gaucha,610894dc2f1fd310VgnCLD200000bbcecb0aRCRD.html>. Acesso em: 12 de fevereiro de 2016

⁹ *Artilheiro rebelde*. Disponível em: <http://www.otempo.com.br/cmlink/hotsites/copa-do-mundo-2014/artilheiro-rebelde-1.854309>. Acesso em: 12 de fevereiro de 2016

¹⁰ *Black Power, os rebeldes do futebol brasileiro*. Disponível em: <http://www.futebolmagazine.com/black-power-os-rebeldes-do-futebol-brasileiro>. Acesso em: 12 de fevereiro de 2016

poucos foram os negros que conseguiram espaço como técnico no Brasil. Em uma matéria de 2013, a Revista Placar destaca que “apesar de todas as cinco formações da seleção brasileira que venceram a Copa do Mundo contarem com pelo menos cinco jogadores negros, apenas o ex-meia Didi construiu carreira notável como treinador” (PIRES, 2013).¹¹

Toda essa trajetória nos leva, por fim, ao século XXI, quando as manifestações de racismo no futebol também não tiveram fim, com destaque para o ano de 2014, analisado no capítulo a seguir, a partir da cobertura dos portais UOL Esporte e GloboEsporte.com sobre casos ocorridos no Brasil e no exterior, envolvendo jogadores brasileiros.

¹¹ *"Me desculpe, você é preto": técnicos reclamam de racismo.* Disponível em: <http://placar.abril.com.br/materia/me-desculpe-voce-e-preto-tecnicos-negros-reclamam-de-racismo>. Acesso em: 12 de fevereiro de 2016

3. RACISMO EM 2014: ANÁLISE DE CONTEÚDO

O ano de 2014 ficou marcado na história do futebol brasileiro. Depois de 64 anos, o país voltava a sediar uma edição da Copa do Mundo. O evento proporcionou a construção e a repaginação de novos estádios, agora chamados de arenas, e fomentou várias obras de infraestrutura, representando, nesse aspecto, uma espécie de avanço. No campo, porém, o resultado final ficou longe do esperado e a derrota por 7 a 1 diante da Alemanha chocou o país.

Ao passo em que o Mundial ganhou seu próprio capítulo na história do futebol em 2014, outros acontecimentos marcaram o ano em questão, representando, dessa vez, um atraso lamentável: os casos de racismo envolvendo personagens brasileiros.

De acordo com o Observatório da Discriminação Racial no Futebol, criado em 2014 justamente por conta do crescente número de situações de racismo, houve pelo menos 35 ocorrências denunciadas à imprensa: 20 em território brasileiro, oito no exterior, mas envolvendo uma vítima brasileira, além de sete durante o período da Copa do Mundo (CARVALHO & SILVEIRA, 2015, pp.7-13).

O estudo destaca ainda duas acusações de homofobia durante o período do Mundial, sem fornecer maiores explicações. Para efeito de análise, apenas os casos de ofensas raciais foram considerados neste trabalho. Desconsiderando as sete ocorrências na Copa do Mundo, que incluem também situações que não necessariamente envolveram um atleta ou uma equipe do nosso país, foram pelo menos 28 casos que afetaram diretamente uma vítima brasileira.

Dentre esses casos, três ganharam maior destaque na mídia: as imitações de macaco direcionadas ao meia Tinga, a banana atirada ao lateral Daniel Alves e as ofensas proferidas ao goleiro Aranha. Por conta disso, serão os três casos analisados adiante neste trabalho.

O primeiro caso envolveu um jogador de renome no futebol brasileiro, que já atuou por diversas equipes tradicionais do país como Grêmio, Botafogo e Internacional. Tinga era atleta do Cruzeiro, então campeão do Brasileirão. A partida na qual foi registrada a ocorrência aconteceu no Peru, válida pela Copa Libertadores da América, considerado o torneio mais importante do continente.

Já o segundo caso atingiu um jogador da Seleção Brasileira, prestes a participar pela segunda vez de uma Copa do Mundo, e do Barcelona, um dos maiores clubes de futebol do planeta, com enorme prestígio internacional. Em um jogo do Campeonato

Espanhol, uma banana foi atirada contra o atleta. A reação do jogador, ao comer a fruta na mesma hora, diante de toda a torcida e das câmeras de televisão, foi o principal chamariz para a imprensa.

O terceiro e último caso analisado é o único em solo brasileiro e em um campeonato nacional, envolvendo dois times tradicionais do nosso futebol, o Santos e o Grêmio. Por consequência, a repercussão foi muito maior, tal como a rigidez na punição, principalmente na esfera desportiva.

A seguir, são apresentados os resultados encontrados para tentar compreender melhor como e porque tais casos ganharam espaço na mídia a partir da análise das matérias produzidas pelo GloboEsporte.com e pelo UOL Esporte.¹² Ao mesmo tempo, será analisado como cada portal tratou a questão do racismo, um assunto que foge da habitual temática esportiva, e como a situação foi abordada em cada um dos casos.

3.1. Metodologia

O material analisado foi coletado a partir do serviço de buscas do Google. A pesquisa incluiu o nome do jogador em questão juntamente com o nome do site a ser analisado, utilizando a ferramenta de filtro por data. Exemplo: para encontrar o material relacionado ao goleiro Aranha no portal GloboEsporte.com no primeiro domingo após os atos racistas, foram procuradas as palavras *aranha* e *globo esporte* (sem aspas) a partir do Google, filtrando unicamente os resultados do dia 31 de agosto de 2014.

Algumas variações foram utilizadas para cada site. Para o GloboEsporte.com, foram buscados os termos *globo esporte* (sem aspas) e *globoesporte*. Já para a pesquisa no portal de esportes do UOL, foram buscados os termos *uol esporte* (sem aspas) e *esporte.uol*. Em relação aos jogadores, não houve mudança na pesquisa, conduzida sempre a partir dos termos *aranha*, *daniel alves* (sem aspas) e *tinga*.

Para não expandir o número de resultados a um universo muito amplo, foram consideradas apenas as publicações nos endereços específicos de cada site, sem levar em conta matérias publicadas nos blogs dos portais ou outros adjacentes (como, por exemplo, o portal do G1 ou sites com servidor UOL). Notícias que não apareceram nos resultados da busca do Google, mas foram achadas através de links em outros textos encontrados pelo buscador foram incluídas no material analisado.

¹² Os termos GloboEsporte.com e UOL Esporte são assim utilizados e grafados ao longo deste trabalho por se tratar da maneira e grafia que os próprios portais usam para referir a si mesmos.

É importante ressaltar que a pesquisa não foi feita em paralelo aos acontecimentos, sendo realizada no segundo semestre de 2015, entre os meses de agosto e novembro. Nesse espaço de tempo, algum material pode ter sido excluído ou se perdido, tanto no site original quanto no buscador. Portanto, o material coletado não tem a pretensão de retratar com precisão a totalidade de notícias produzidas sobre os casos, mas é capaz de fornecer uma ideia geral sobre a quantidade de espaço e publicações dedicados ao assunto por cada um dos portais, além de auxiliar na observação do tamanho da repercussão de cada caso.

Nos casos do goleiro Aranha e do lateral Daniel Alves, foi coletado material publicado durante o período de duas semanas a partir da data de acusação ou acontecimento da situação de racismo. Já no caso do meia Tinga, a pesquisa se estendeu por apenas uma semana, uma vez que, após tal período, o número de resultados encontrados já era escasso ou nulo, sem relevância para análise.

Os portais GloboEsporte.com e UOL Esporte foram escolhidos por estarem entre os mais acessados do Brasil e serem voltados exclusivamente para esporte, ressaltando mais uma vez que as páginas dos portais que os abrigam, Globo.com e UOL, não foram consideradas na pesquisa, assim como outros afluentes e parceiros. Além disso, os dois portais pertencem a conglomerados de mídia diferentes (Organizações Globo e Grupo Folha, respectivamente) e têm suas sedes principais em estados diferentes: apesar de o conteúdo abranger o Brasil inteiro, o GloboEsporte.com tem sua sede principal no Rio de Janeiro, enquanto o UOL Esporte é baseado em São Paulo.

Os três casos analisados foram escolhidos por serem emblemáticos. Rapidamente, ao se pensar sobre o tema “racismo no futebol em 2014”, as situações ocorridas com Tinga, Daniel Alves e Aranha são as primeiras a vir à mente. Não foi necessário pesquisar a quantidade de material produzida sobre todos os casos de racismo para chegar à conclusão de que os três escolhidos foram os de maior repercussão na imprensa brasileira em geral e, consequentemente, nos sites analisados.

Buscando somente os resultados dos portais GloboEsporte.com e UOL Esporte, em relação ao “caso Tinga”, ocorrido em fevereiro de 2014, no Peru, foram coletadas 81 notícias no espaço de uma semana. Os dois sites apresentaram uma quantidade similar de publicações sobre o assunto: 43 notícias foram encontradas no GloboEsporte.com e 38 no UOL Esporte.

No “caso Daniel Alves”, que aconteceu na Espanha e veio à tona no final de abril, a quantidade de material coletado cresce, mas sem grande alteração: foram obtidas

93 publicações sobre o assunto em um período de duas semanas (78 na primeira semana e 15 na segunda semana). A diferença entre os dois sites também aumenta: enquanto o portal da Globo gerou 60 notícias relacionadas ao racismo sofrido pelo lateral da Seleção Brasileira, a página de esportes do UOL publicou 33 notícias.

Já em relação ao caso do goleiro Aranha, ocorrido em agosto, em Porto Alegre, a quantidade de material encontrado deixa claro que o episódio foi o que mais repercutiu nos dois portais e, conseqüentemente, entre o público: em um intervalo de duas semanas, foram coletadas 214 notícias sobre assunto, uma quantidade maior do que a dos dois casos anteriores juntos. A primeira semana rendeu 160 matérias, enquanto a segunda semana contabilizou 54 publicações. O GloboEsporte.com foi responsável por 134 notícias coletadas, enquanto o UOL Esporte fez 80 publicações acerca do tema.

Cientes de como a pesquisa foi direcionada, podemos analisar uma visão geral dos resultados coletados a partir dos números. Seguindo a ordem cronológica dos acontecimentos, é possível perceber o aumento da repercussão de cada caso ao longo do ano de 2014, muito pela lógica sequencial, uma vez que o caso seguinte tende a chamar mais atenção por ser uma reincidência do racismo e por reviver, na mídia e no público, o caso anterior (SILVA, 2005, p.103-104). Além disso, outros aspectos específicos de cada situação também influenciaram as diferentes quantidades de material produzido e, por consequência, o tamanho da repercussão de cada caso.

3.2. O “caso Tinga”

O primeiro caso de racismo envolvendo um personagem brasileiro em 2014, segundo levantamento do Observatório da Discriminação Racial no Futebol, aconteceu logo no segundo mês do ano, com o jogador Paulo César Tinga.

No dia 12 de fevereiro, o Cruzeiro, então campeão brasileiro, enfrentou o Real Garcilaso, na cidade de Huancayo, no Peru, em partida válida pela Copa Libertadores da América, considerado o torneio mais importante do continente sul-americano. No segundo tempo de jogo, quando o resultado já sinalizava 2 a 1 a favor do time da casa, o meia Tinga entrou em campo, substituindo o atacante Dagoberto. A partir daí, tiveram início as manifestações racistas: a cada vez que Tinga tocava na bola, a torcida peruana fazia um ruído grave, como se estivesse imitando o barulho de um macaco. Bastava o jogador se livrar da bola para que os torcedores se calassem, deixando claro que os gritos visavam atingir apenas Tinga.

Tanto o GloboEsporte.com quanto o UOL repercutiram o acontecimento recorrentemente. Em um período de uma semana, a partir da data da partida entre Cruzeiro e Real Garcilaso, foram coletadas 43 notícias relacionadas ao tema publicadas pelo site filiado às Organizações Globo, ao passo em que o portal de esportes do Universo Online produziu 38 publicações. (Anexo 1, p. i) Após sete dias, a quantidade de matérias produzidas já não era relevante, o que limitou o conteúdo analisado a uma semana. Assim, não foi quantificado o número de matérias escritas posteriormente a esse período e, conseqüentemente, tampouco foi considerado o conteúdo das publicações depois de uma semana.

Apesar da quantidade similar de material produzido pelos dois veículos, houve abordagens diferentes em cada site ao lidar com a questão do racismo, principalmente ao analisarmos a primeira publicação. Por se tratar do primeiro caso de racismo no futebol brasileiro em 2014, não havia um “manual” sobre como tratar o tema e as abordagens também foram diferentes em relação aos casos posteriores, como será visto mais adiante neste trabalho.

A primeira notícia publicada tanto pelo GloboEsporte.com quanto pelo UOL, como de costume na cobertura de partidas de futebol, foi a crônica do jogo. Às 23h55 do dia 12 de fevereiro, o UOL colocou sua matéria no ar antes do concorrente. Contudo, talvez por conta da “tirania do fator tempo” (TRAQUINA, 2012, p.182), que torna quase obrigatório que a crônica do jogo seja publicada logo após o fim da partida, o portal paulista ignorou completamente a atitude racista dos peruanos. Com a manchete “Cruzeiro leva virada do Real Garcilaso e estreia com derrota na Libertadores” (Anexo 5, p. ii), o ocorrido foi destacado somente em matérias anexas, na seção “Veja também”, ao final da publicação.¹³ (Anexo 6, p. iii)

O texto, em si, enfatizava que o Cruzeiro havia estreado com derrota na Copa Libertadores e destacava a dificuldade e as peculiaridades de se jogar na altitude, uma vez que o estádio Huancayo está localizado a 3.259 metros acima do nível do mar. A única vez que o nome de Tinga aparece é na ficha do jogo, na relação de jogadores que entraram em campo pelo Cruzeiro.

Por outro lado, o GloboEsporte.com não só destacou as ofensas a Tinga, como não se absteve ao ratificar que a manifestação dos peruanos direcionada ao atleta

¹³ *Cruzeiro leva virada do Real Garcilaso e estreia com derrota na Libertadores*. Disponível em: <http://esporte.uol.com.br/futebol/campeonatos/libertadores/ultimas-noticias/2014/02/12/cruzeiro.htm>. Acesso em: 16 de fevereiro de 2016

brasileiro constituía um ato racista. A crônica do portal das Organizações Globo foi publicada às 23h57 do dia 12 de fevereiro e foi atualizada pela última vez às 8h57 do dia seguinte, com a manchete “Em noite de ato racista de peruanos, Cruzeiro perde para o Real Garcilaso”.¹⁴ (Anexo 7, p. iii)

Ao enfatizar a situação de racismo antes mesmo do resultado da partida no título da matéria, o portal já dava o tom de denúncia que guiaria a crônica. No subtítulo, mais uma vez se repetia a informação das ocorrências racistas, dessa vez especificando que a vítima havia sido Tinga. Logo no lide, o site mescla a parte esportiva ao ocorrido, afirmando que o Cruzeiro enfrentou três adversários: o Real Garcilaso, a altitude da cidade de Huancayo e o racismo dos peruanos.

No decorrer do texto, a crônica descreve a partida cronologicamente e volta a mencionar as ofensas a Tinga na parte final, uma vez que o jogador só entrou em campo na metade do segundo tempo de jogo. Apesar de destacar o racismo categoricamente, a crônica termina afirmando que “Em campo, ninguém deu sinal de se incomodar com a absurda e lamentável atitude de torcedores peruanos”, o que também pode explicar o fato de o UOL ter ignorado por completo o ocorrido em sua crônica.

Diferentemente do concorrente, o GloboEsporte.com citou o nome de Tinga cinco vezes ao longo da matéria: uma vez no subtítulo, três vezes no corpo da notícia e uma vez na legenda de uma das fotos. A palavra “macaco”, não utilizada pelo UOL, apareceu duas vezes na publicação do portal da Globo. A palavra “racismo”, também não usada pelo UOL, apareceu três vezes.

No final do dia 12 de fevereiro e ao longo de todo o dia 13 do mesmo mês, foram produzidas mais 33 matérias, totalizando 35 publicações nas primeiras 24 horas após a partida. Foram coletadas 19 matérias no UOL Esporte e 16 no GloboEsporte.com, todas repercutindo as manifestações racistas de alguma maneira.

Depois de ignorar o incidente em sua crônica do jogo, o portal do Universo Online publicou à 0h12 uma matéria com o título “Alvo de gestos racistas, Tinga lamenta: ‘a gente fica muito chateado’”, reproduzindo a entrevista que o atleta deu à TV Globo Minas após a partida.¹⁵ Na mesma notícia, o portal destaca uma postagem da Confederação Sul-Americana de Futebol (Conmebol), feita através do Twitter da Copa

¹⁴ *Em noite de ato racista de peruanos, Cruzeiro perde para o Real Garcilaso*. Disponível em: <http://globoesporte.globo.com/futebol/libertadores/noticia/2014/02/cruzeiro-sofre-virada-e-estreia-com-derrota-para-o-real-garcilaso-na-libertadores.html>. Acesso em: 16 de fevereiro de 2016

¹⁵ *Alvo de gestos racistas, Tinga lamenta: “a gente fica muito chateado”*. Disponível em: <http://esporte.uol.com.br/futebol/campeonatos/libertadores/ultimas-noticias/2014/02/13/alvo-de-gestos-racistas-tinga-lamenta-a-gente-fica-muito-chateado.htm>. Acesso em: 25 de fevereiro de 2016

Libertadores da América, afirmando que iria avaliar possíveis punições. A matéria ainda reproduz uma declaração e um *tweet* do zagueiro Dedé, companheiro de Tinga no Cruzeiro, repudiando a ação dos torcedores peruanos.

Das 18 matérias feitas pelo UOL após a partida, sete repercutem declarações de apoio ao atleta brasileiro, incluindo nomes como o presidente do rival Atlético Mineiro Alexandre Kalil, a presidente do Brasil Dilma Rousseff e o então presidente da Federação Internacional de Futebol (FIFA) Joseph Blatter. Ao todo, foram 13 declarações reproduzidas: sete através do Twitter, uma através do Facebook, uma feita a partir de uma nota oficial da Federação Mineira de Futebol (FMF), uma dada pelo ministro do Esporte, Aldo Rebelo, através de sua assessoria de comunicação, e uma retirada de entrevista ao site da Confederação Brasileira de Futebol (CBF). Apenas duas foram efetivamente obtidas graças à pergunta de um repórter: as declarações dos jogadores Diego Tardelli e Réver, do Atlético Mineiro, ao desembarcarem no Aeroporto de Confins, após disputarem partida na Venezuela.

Ainda considerando apenas as primeiras 24 horas após o jogo, foram produzidas outras cinco matérias com declarações de atletas, dirigentes e treinadores de Cruzeiro e Real Garcilaso. Outras duas notícias destacaram a cobrança por punições: uma por parte da FMF e outra por parte do Ministério do Esporte. Uma publicação avaliava qual poderia ser a punição ao clube peruano. Outra noticiava que a Conmebol havia marcado uma reunião com representantes do Cruzeiro para discutir o caso. Uma notícia reproduzia a publicação de um jornal peruano acerca do incidente. E, por fim, outra matéria recordava que não era a primeira vez que Tinga era vítima de racismo.¹⁶

O GloboEsporte.com, após a crônica do jogo, publicou 15 matérias nas 24 horas seguintes. Entre elas, 11 repercutem mensagens de apoio ao jogador, incluindo o presidente do Atlético Mineiro Alexandre Kalil, a presidente do Brasil Dilma Rousseff e o presidente do Peru Ollanta Humala. Cinco declarações foram obtidas através de reproduções do Twitter, uma foi retirada da nota oficial da FMF, juntamente com uma nota do Minas Tênis Clube, e duas foram veiculadas por outros clubes, Vasco e Paysandu, em seus sites oficiais. Três matérias foram produzidas graças ao trabalho jornalístico de “chão”: as declarações dos jogadores do Atlético Mineiro no Aeroporto

¹⁶ De acordo com a matéria, Tinga já havia sido vítima de racismo em 2005, em partida contra o Juventude, quando defendia o Internacional, no estádio Alfredo Jaconi, em Caxias do Sul. As manifestações foram as mesmas: ao encostar na bola, o jogador ouvia barulhos de macaco vindos da torcida adversária. À época, o Juventude foi punido com multa de R\$ 200 mil e a perda de dois mandos de campo, tornando-se a primeira agremiação brasileira a ser punida desportivamente por conta de racismo.

de Confins, uma entrevista com o ex-goleiro Toinho, que já fora vítima de racismo na Copa Libertadores de 2003, e as manifestações de apoio por parte da torcida do Cruzeiro, também no Aeroporto de Confins, após a chegada da delegação do clube após a partida contra o Real Garcilaso.

As outras quatro matérias incluem a entrevista de Tinga à TV Globo Minas após o ocorrido, um texto recapitulando os principais acontecimentos da partida, o pedido de desculpas do técnico do time peruano e uma publicação repercutindo o *tweet* da Conmebol sobre as possíveis punições.

Com o passar dos dias, a quantidade de matérias sobre o caso diminuiu. Em 14 de fevereiro, foram encontradas seis matérias no UOL Esporte e dez no GloboEsporte.com. Nas três datas seguintes, o portal do UOL produziu três matérias por dia que ao menos mencionavam o caso. Já o portal da Globo publicou três notícias no dia 15 de fevereiro, sete no dia 16 e apenas uma no dia 17. Assim como no concorrente, a maioria das matérias contém apenas uma menção ao “caso Tinga”.

No dia 18 de fevereiro, o UOL Esporte apenas citou um cartaz de apoio ao jogador em uma galeria de fotos da partida Internacional contra Juventude, válida pelo Campeonato Gaúcho de 2014. Por sua vez, o GloboEsporte.com elaborou três matérias: duas com relatos de apoio a Tinga e uma mencionando o caso do brasileiro após a União das Federações Europeias de Futebol (UEFA) proibir uma equipe russa de receber torcedores por conta de atos racistas.

No dia 19 de fevereiro, uma semana após o incidente, duas matérias ainda falavam sobre o caso no UOL: a crônica do jogo entre Cruzeiro e Guarani de Divinópolis, válido pelo Campeonato Mineiro, citava que o time voltaria a jogar pela Libertadores após a situação de racismo. A outra notícia repercutia o acontecido efetivamente: a Conmebol notificava o Real Garcilaso sobre o caso e aguardaria uma resposta. O GloboEsporte.com produziu três notícias: a primeira destacou que, uma semana após o episódio, a situação ainda incomodava os atletas do Cruzeiro. Outra notícia anunciava uma possível homenagem do clube a Tinga, e a última falava da notificação da Conmebol ao time peruano.

Em 11 das 38 notícias do portal do Grupo Folha, foi colocado ao final da matéria um adendo com o subtítulo “Peruanos são reincidentes em atos racistas” lembrando que outro atleta brasileiro, o atacante Diego Maurício, já havia sido vítima de preconceito racial no Peru, durante uma partida entre Brasil e Bolívia pelo Campeonato Sul-Americano Sub-20, em 2011.

Ao todo, o UOL repetiu 44 vezes a palavra “macaco”, considerando somente o título, subtítulo ou corpo das matérias. Sob as mesmas condições, o vocábulo “racismo” apareceu 82 vezes. Já o GloboEsporte.com usou o termo “macaco” 42 vezes e o termo “racismo” 120 vezes, considerando título, subtítulo, legenda e corpo das matérias. (Anexo 4, p. i)

Mesmo compreendendo que o termo “racismo” possa ser naturalmente mais utilizado, até mesmo nas reproduções de notas oficiais, a quantidade muito superior de repetições em relação à palavra “macaco” pode sugerir que, em ambos os veículos, houve cautela para não replicar demais o termo pejorativo. Percebe-se que tal cuidado foi ainda maior por parte do portal das Organizações Globo, uma vez que produziu mais material que o site do Grupo Folha e, ainda assim, utilizou menos vezes o termo “macaco”.

De uma maneira geral, tanto o portal do Grupo Folha quanto o site das Organizações Globo fizeram coberturas similares do caso, utilizando muito as redes sociais para retratar a repercussão do episódio e abastecendo o portal com matérias enxutas, como reproduções de notas oficiais ou *tweets*, para não deixar o assunto “morrer”. A grande diferença ficou por conta do tratamento dado à crônica do jogo. Enquanto o GloboEsporte.com destacou enfaticamente a denúncia de racismo, o UOL Esporte se ateve apenas ao âmbito esportivo, ignorando uma situação criminosa e relevante, tanto que foi exaustivamente explorada na semana seguinte por toda a imprensa, incluindo o próprio UOL.

A punição desportiva ao Real Garcilaso ocorreu somente 39 dias após o ocorrido, por parte da Conmebol, que multou o clube em US\$ 12 mil, o equivalente a R\$ 28 mil à época. Além disso, a entidade ameaçou interditar o estádio Huancayo em caso de reincidência de racismo por parte dos torcedores locais.

3.3. O “caso Daniel Alves”

Outro episódio de racismo emblemático no futebol em 2014, a exemplo do “caso Tinga”, também não aconteceu em território brasileiro, mas envolveu um jogador do nosso país: o lateral-direito Daniel Alves.

No dia 27 de abril, durante uma partida entre Villarreal e Barcelona, válida pelo Campeonato Espanhol e disputada no estádio El Madrigal, na cidade de Villarreal, um torcedor arremessou uma banana em direção ao atleta brasileiro, antes de uma cobrança

de escanteio. Ao perceber a situação, Daniel Alves não hesitou em pegar a fruta do chão e comê-la, recebendo alguns aplausos de outros espectadores.

A reação chamou atenção mundo afora e estimulou as notícias nos órgãos de imprensa e nas redes sociais. Além disso, os casos anteriores ajudavam a impulsionar o novo episódio: de acordo com o Observatório da Discriminação Racial no Futebol, esse foi o 12.º caso de racismo envolvendo um personagem brasileiro em 2014.

Em um intervalo de duas semanas a partir da data do acontecimento, o GloboEsporte.com produziu 60 matérias sobre o caso: 50 nos primeiros sete dias e dez nos sete dias seguintes. No mesmo período, o UOL Esporte publicou 33 matérias, sendo 28 na primeira semana e apenas cinco na segunda. (Anexo 1, p. i)

Ambos os portais destacaram a situação de racismo logo em suas primeiras matérias. Por não se tratar de uma partida envolvendo equipes brasileiras, o duelo entre Villarreal e Barcelona não exigia, necessariamente, uma crônica do jogo – como é de praxe na primeira notícia após uma partida – permitindo um maior destaque para a manifestação racista, uma vez que o jogo em si não era de interesse específico de torcedores brasileiros.

Assim, o portal UOL publicou às 17h48 do dia 27 de abril a seguinte manchete: “Daniel Alves ironiza ato racista e come banana jogada por torcida; veja”. Diferentemente do que fora feito no “caso Tinga”, quando o site ignorou a situação extracampo e focou apenas no âmbito esportivo, dessa vez o título da matéria destacou apenas o episódio de racismo, sem fazer sequer menção à partida onde ele ocorreu.

Ao iniciar a matéria, porém, o site enfatiza que Daniel Alves foi “um dos mais importantes personagens da vitória de virada do Barcelona”, uma vez que contribuiu com duas assistências para gol. Somente após descrever os lances com participação do lateral brasileiro, a matéria cita a banana arremessada, afirmando que Daniel Alves “respondeu com bom humor uma provocação racista da torcida”.¹⁷ (Anexo 8, p. iv)

Já o GloboEsporte.com, por ser um portal que tem uma seção específica para futebol internacional, seguiu o modelo utilizado em jogos envolvendo times do Brasil e publicou uma crônica da partida. A exemplo do que fora feito no “caso Tinga”, a manchete da matéria menciona primeiro o caso de racismo, para depois falar da esfera esportiva. Assim, o site publicou às 18h03 do dia 27 de abril a notícia “Daniel Alves é

¹⁷ *Daniel Alves ironiza ato racista e come banana jogada por torcida; veja*. Disponível em: <http://esporte.uol.com.br/futebol/campeonatos/espanhol/ultimas-noticias/2014/04/27/dani-alves-come-banana-racista-forca-2-gols-contr-a-ajuda-barca-a-virar.htm>. Acesso em: 16 de fevereiro de 2016

alvo de racismo, Barça vence de virada e segue na cola do Atlético”.¹⁸ A última atualização da notícia foi no mesmo dia, às 19h36. (Anexo 9, p. v)

Dessa vez, porém, o lide da matéria não cita o ocorrido. A crônica inicia ressaltando que a partida era a primeira do Barcelona após a morte do ex-treinador Tito Vilanova, enfatiza a má atuação da equipe catalã, mesmo com a vitória, e destaca que o clube se aproximava do Atlético de Madrid na tabela de classificação. Somente no segundo parágrafo o caso de racismo é mencionado, citando também que Daniel Alves havia participado de dois gols. A partir de então, a crônica descreve a partida cronologicamente e, de forma rápida, só volta a mencionar a banana arremessada na parte final, uma vez que a situação aconteceu aos 30 minutos do segundo tempo.

Ao todo, nove matérias foram publicadas no dia do episódio: duas do UOL Esporte e sete do GloboEsporte.com. Além da primeira notícia, a única publicação feita pelo portal do Grupo Folha no dia do ocorrido foi destacando um post de Neymar no Twitter, onde defendia Daniel Alves e lançava a hashtag #somostodosmacacos. O site das Organizações Globo também produziu matéria semelhante e publicou mais cinco notícias: uma delas contendo uma declaração de Alves após a partida, outra destacando que o Villarreal poderia ser punido, uma vez que o árbitro havia registrado o incidente na súmula, e uma terceira reproduzindo a repercussão do ocorrido nos principais jornais esportivos da Espanha. Por fim, duas notícias destacavam manifestações de apoio ao lateral do Barcelona – uma do atacante Fred, do Fluminense, e outra de torcedores da Ponte Preta, cuja mascote é uma macaca.

O grande número de notícias sobre o assunto aconteceu mesmo na segunda-feira, dia seguinte à partida. Após o lançamento da hashtag #somostodosmacacos por Neymar, a campanha se tornou viral, repercutindo nas redes sociais entre anônimos e famosos de várias partes do mundo, colocando o racismo mais uma vez como um alvo de discussão. Rapidamente, a campanha foi utilizada também em uma peça publicitária, inclusive com lançamento de camisas. Na segunda-feira, dia 28 de abril, o UOL Esporte elaborou dez novas matérias, enquanto o GloboEsporte.com atingiu o número de 19 publicações relacionadas ao ocorrido.

Em sua primeira matéria no dia seguinte ao episódio, o UOL fez um resumo dos casos de racismo do fim de semana, relacionando a situação de Daniel Alves ao caso de

¹⁸ *Daniel Alves é alvo de racismo, Barça vence de virada e segue na cola do Atlético*. Disponível em: <http://globoesporte.globo.com/futebol/futebol-internacional/futebol-espanhol/noticia/2014/04/daniel-alves-e-alvo-de-racismo-barca-vence-de-virada-e-segue-na-cola-do-atletico.html>. Acesso em: 16 de fevereiro de 2016

Donald Sterling, então dono do Los Angeles Clippers, equipe de basquete da National Basketball Association (NBA), principal liga dos Estados Unidos. No mesmo final de semana em que Alves comeu a banana, Sterling foi flagrado em uma discussão com sua namorada referindo-se de modo racista ao ex-atleta Magic Johnson. Na mesma matéria, o UOL citou que, além de Neymar, o apresentador Luciano Huck e a atriz Fabiana Karla haviam aderido à campanha #somostodosmacacos, dando indícios da publicação seguinte: uma galeria de fotos reunindo 44 imagens com manifestações ou postagens em redes sociais de celebridades e atletas apoiando Daniel Alves, a maioria delas segurando bananas e utilizando a hashtag #somostodosmacacos.

O portal continuou a repercutir o caso a partir das redes sociais: duas notícias destacavam separadamente as declarações no Twitter da presidente Dilma Rousseff e do então presidente da FIFA, Joseph Blatter, apoiando Daniel Alves e condenando o racismo. Outra matéria reproduzia declarações do próprio lateral, publicadas em sua conta no Instagram. Mais duas notícias repercutiam notas oficiais dos clubes envolvidos na partida: uma do Barcelona, defendendo o jogador e absolvendo o time adversário, e outra do Villarreal, afirmando ter identificado e banido o torcedor que arremessou a banana. Foi publicada também uma notícia com declarações do pai de Daniel Alves e uma matéria informando que a marca de Luciano Huck já vendia em sua loja virtual uma camiseta com a estampa de uma banana, os dizeres “respeito” e “somos iguais”, além da hashtag #somostodosmacacos. Por fim, o portal reproduziu uma entrevista do jogador do Barcelona à Rádio Globo, na qual ele criticou o banimento do torcedor que atirou a fruta em sua direção.

Ao contrário do UOL, que reuniu diversas manifestações de apoio a Daniel Alves em uma única galeria, o GloboEsporte.com produziu nove matérias diferentes com o mesmo enfoque, o que explica o número bem superior de notícias no segundo dia em relação ao concorrente. Ganharam destaque em publicações separadas as manifestações de apoio do zagueiro Dedé, do meio-campo Júlio Baptista, do atacante italiano Mario Balotelli, do jogador de futsal Falcão, da modelo belga Fanny Neguesha, da mascote da equipe de basquete do Brasília, dos jogadores do Corinthians reunidos, do Esporte Clube Bahia – onde Daniel Alves começou a carreira – e de um internauta de Sorocaba, este último como forma de promover um aplicativo da TV TEM, afiliada à Rede Globo.

Seis matérias incluíram conteúdo similar ao produzido pelo UOL: as declarações da presidente Dilma Rousseff e do então presidente da FIFA, Joseph Blatter, ambas via

Twitter; a reprodução de uma entrevista com o pai de Daniel Alves, concedida ao portal G1; uma matéria relacionando o caso do lateral brasileiro ao episódio da NBA envolvendo Donald Sterling e Magic Johnson; a informação de que o Villarreal punira o torcedor responsável por arremessar a banana; e uma publicação com trechos da entrevista do jogador do Barcelona à Rádio Globo.

O GloboEsporte.com ainda produziu mais quatro notícias. Uma delas incluía declarações do treinador espanhol Pep Guardiola e outra explorava a entrevista de Alves dada ao Jornal Nacional no mesmo dia. Em outra matéria, o site ouviu a opinião do ex-árbitro Márcio Chagas da Silva, que também havia sido vítima de racismo no começo de 2014.¹⁹ Por fim, o portal publicou declarações do publicitário Guga Ketzer, um dos responsáveis pela campanha e pela hashtag #somostodosmacacos, dadas ao site Meio & Mensagem e ao site da Revista Veja, na qual ele revela que a ideia de comer a banana já fora planejada por Neymar. As afirmações levantaram suspeitas acerca da autenticidade do episódio. Ketzer, no entanto, afirmou que Alves não sabia da ideia da campanha.

No terceiro dia, 29 de abril, o UOL Esporte produziu apenas quatro matérias e o GloboEsporte.com continuou repercutindo a história com muitas publicações, produzindo 12 notícias, a maior parte delas ainda sobre postagens nas redes sociais e outros meios manifestando apoio ao jogador e à campanha #somostodosmacacos. O portal do Grupo Folha optou por um viés menos sensacionalista, analisando as consequências da campanha em uma de suas publicações e produzindo notícias exclusivamente relacionadas ao episódio, com declarações do presidente do Villarreal, opiniões de jornalistas espanhóis e o depoimento à polícia de Villarreal do torcedor que atirou a banana. Apesar disso, todas as quatro publicações contavam com a galeria “Famosos apoiam Daniel Alves após ato de racismo” no começo ou final das notícias.

Já o site das Organizações Globo publicou sete matérias reproduzindo novas manifestações de apoio ao lateral, incluindo nomes como o jogador polonês Robert Lewandowski e a modelo paraguaia Larissa Riquelme. Uma notícia falava sobre um

¹⁹ No dia 5 de março de 2014, o árbitro Márcio Chagas da Silva foi vítima de racismo após a partida válida pelo Campeonato Gaúcho entre Esportivo e Veranópolis, no estádio Montanha dos Vinhedos, em Bento Gonçalves. Ao deixar o jogo rumo ao estacionamento do estádio, Márcio encontrou seu veículo riscado e amassado, com bananas no cano de descarga e por cima do carro. O árbitro registrou o ocorrido a partir de fotos e na súmula do jogo. O Esportivo foi responsabilizado pelos atos e foi punido pelo Tribunal de Justiça Desportiva do Rio Grande do Sul (TJD-RS) com multa de R\$ 30 mil, a perda de seis mandos de campo e a perda de nove pontos na competição. Posteriormente, no Superior Tribunal de Justiça Desportiva (STJD), a multa ao clube aumentou para R\$ 60 mil e a quantidade de pontos perdidos diminuiu para três, o que não evitou o rebaixamento na competição. Em abril do mesmo ano, Márcio deixou a arbitragem para se tornar comentarista da RBS TV, afiliada à Rede Globo.

feirante que afirmava estar vendendo mais bananas por conta da repercussão do caso e outra falava do trabalho de um artista plástico, fã de Daniel Alves, que faria uma exposição sobre o jogador em Petrolina. Em contrapartida, o portal fez também uma entrevista com o próprio atleta, na qual ele negou que a campanha #somostodosmacacos fizesse parte de um plano publicitário e proclamou a frase “somos todos humanos”.

Na quarta-feira, dia 30 de abril, ambos os portais ainda repercutiam bastante o episódio. Pela primeira vez desde o dia da partida entre Barcelona e Villarreal, o UOL Esporte produziu mais conteúdo que o concorrente, com um total de oito notícias. Ainda assim, o GloboEsporte.com não ficou muito atrás, publicando sete matérias.

A primeira notícia publicada pelo Universo Online foi a reprodução de uma entrevista de Daniel Alves à BBC Brasil. Em seguida, o portal noticiou que a Polícia Nacional espanhola havia detido o torcedor do Villarreal, David Campayo Leo, que arremessara a banana na direção do jogador. Pouco mais de duas horas depois, foi publicada a notícia de que o jovem havia sido solto. O site também repercutiu a hashtag #TodosSomosDavid, criada por amigos e familiares do torcedor espanhol, que alegavam que o jovem estaria sendo vítima de perseguição e desinformação por parte da mídia.

Outras duas notícias repercutiam ainda o apoio de jogadores a Daniel Alves: uma falava que o brasileiro Anselmo Ramon havia comemorado um gol no Campeonato Chinês comendo uma banana e a outra noticiava que os jogadores da equipe argentina Arsenal de Sarandí entraram em campo carregando a fruta, em duelo contra o Unión Española, do Chile, válido pela Copa Libertadores. O UOL também chamou atenção para a polêmica campanha publicitária criada em torno do caso, publicando notas de defesa da agência Loducca, criadora da campanha, e do apresentador Luciano Huck, que vendia camisetas com a hashtag #somostodosmacacos em seu site.

Por sua vez, o GloboEsporte.com não entrou no mérito da polêmica envolvendo a campanha publicitária, o que sugere que o site optou por preservar a imagem de Luciano Huck, apresentador da Rede Globo. Das sete notícias do portal, duas tratavam de assuntos iguais ao UOL: o fato de o torcedor do Villarreal ter sido preso, interrogado e solto gerou uma matéria, ao passo em que a ação dos jogadores do Arsenal de Sarandí foi outra. O site também publicou uma notícia sobre os jogadores do Atlético Nacional, da Colômbia, que fizeram uma *selfie* em um treino comendo bananas.

Personalidades do esporte geraram outras três notícias ao fazerem declarações sobre racismo: o ex-jogador Mauro Silva defendeu a Espanha, país onde jogou e morou

por 13 anos, afirmando que os espanhóis não eram racistas, apesar do caso Daniel Alves. O jogador de basquete Leandrinho, que atua na NBA, usou a hashtag #somostodosmacacos no Twitter para se manifestar contra episódio de racismo na liga norte-americana de basquete, enquanto Pelé, em entrevista a jornalistas mexicanos, comentou o caso do lateral brasileiro, limitando-se a afirmar que “sempre existirão pessoas ruins”. Por fim, o GloboEsporte.com fez também dois parágrafos para promover a entrevista de Daniel Alves que seria exibida no quadro “Na Estrada com Galvão”, no programa Esporte Espetacular, da Rede Globo.

A partir de maio as notícias sobre o caso diminuíram significativamente. Apesar de o episódio ainda render conteúdo nos dez dias que se seguiram, não houve nenhum dia com um número representativo de matérias. Ao fim da primeira semana, mais quatro notícias foram produzidas pelo UOL e cinco pelo GloboEsporte.com, com destaque para as declarações de Daniel Alves durante o programa Altas Horas, da Rede Globo, reproduzidas pelo UOL. Na entrevista, o jogador do Barcelona afirmou não gostar da hashtag #somostodosmacacos.

A principal declaração ao final da primeira semana desde o ocorrido, contudo, foi feita por Pelé, na feira de agronegócios de Ribeirão Preto. Na entrevista do ex-jogador da Seleção, considerado o atleta do século XX, ele alegou que o racismo no futebol seria algo esporádico e que a repercussão do caso Daniel Alves era uma “tempestade em copo d'água”.

Onda de racismo no futebol? Onde está a onda? Nós tivemos um caso que chamou a atenção, que foi na Espanha, com o Daniel Alves, que comeu a banana. Se você ver (sic) a quantidade de jogos que existe no mundo todo, do infantil ao profissional, e ter um caso como este. Qual outro caso você ouviu em todo o mundo? Quantos jogos tivemos no mundo na mesma semana? Não é tanto assim. (PELÉ, 2014)²⁰

Já na segunda semana após o caso, o UOL publicou cinco novas notícias, enquanto o GloboEsporte.com registrou o dobro de matérias. Nos sete últimos dias de material analisado, o portal do Grupo Folha não produziu matérias sobre o caso em três dias, enquanto o site da Globo não mencionou o episódio em dois dias.

Em todo o período estudado, o UOL Esporte repetiu a palavra “macaco” 47 vezes e o termo “racismo” em 58 oportunidades, considerando somente o título,

²⁰ Pelé nega onda de racismo no futebol e diz que caso Daniel Alves foi isolado. Disponível em: <http://globoesporte.globo.com/sp/ribeirao-preto-e-regiao/noticia/2014/05/pele-nega-onda-de-racismo-no-futebol-e-diz-que-caso-daniel-alves-foi-isolado.html>. Acesso em: 23 de janeiro de 2016

subtítulo ou corpo das matérias. O GloboEsporte.com usou “macaco” 62 vezes e repetiu “racismo” em 161 ocasiões, levando em consideração título, subtítulo, legenda e corpo das matérias. (Anexo 4, p. i)

É interessante observar que, proporcionalmente, o UOL usou mais vezes a palavra “macaco” no “caso Daniel Alves” do que no “caso Tinga” e repetiu menos vezes o termo “racismo”. Já o GloboEsporte.com manteve seu padrão, com variações muito pequenas na proporção do uso das palavras nos dois casos. (Anexo 4, p. i)

Assim como no “caso Tinga”, a análise geral da cobertura dos portais mostra, mais uma vez, uma abordagem semelhante, com pequenas distinções: enquanto a página de esportes da Globo.com aumentou consideravelmente a quantidade de notícias ao separar as manifestações de apoio a Alves em matérias diferentes, o UOL agrupou a maioria delas em uma única publicação, montando uma galeria de fotos.

Sobre questionar a autenticidade da campanha #somostodosmacacos, após a revelação de que uma agência de publicidade estava por trás da ideia e que Neymar já havia pensado previamente em comer uma banana em uma eventual situação de racismo, o GloboEsporte.com se mostrou menos disposto a divulgar o assunto, possivelmente seguindo uma política editorial da organização (PENA, 2005, p.136): o assunto pode não ter sido abordado com mais afinco por conta do envolvimento do apresentador Luciano Huck, da Rede Globo, que, menos de 24 horas após o episódio, começou a vender camisetas da campanha em seu site através de sua grife UseHuck.

A punição desportiva ao Villarreal foi bem mais rápida do que a punição ao Real Garcilaso por conta do “caso Tinga”: dez dias após o incidente, a Federação Espanhola de Futebol multou o clube em € 12 mil, o equivalente a R\$ 37 mil à época.

3.4. O “caso Aranha”

Apesar da grande cobertura e repercussão dos episódios envolvendo Tinga e Daniel Alves, o episódio de racismo envolvendo uma vítima brasileira de maior apelo na imprensa em 2014 foi o “caso Aranha”.

Na noite do dia 28 de agosto, durante uma partida entre Grêmio e Santos, válida pela Copa do Brasil e disputada na Arena do Grêmio, em Porto Alegre, o goleiro Aranha, da equipe santista, foi ofendido pelos torcedores locais com insultos racistas e imitações de macaco. As câmeras da ESPN Brasil, canal por assinatura que transmitia a partida ao vivo, flagraram o exato momento em que uma torcedora do Grêmio chamava o goleiro de “macaco”.

Segundo o Observatório da Discriminação Racial no Futebol, o episódio foi o 17.º caso de racismo direcionado a um brasileiro no ano de 2014, excluindo-se as ocorrências registradas pelo relatório no período da Copa do Mundo. Ainda sob tais condições, o caso foi o 14.º em território brasileiro e o primeiro a acontecer em um torneio do primeiro escalão do futebol nacional: todas as ocorrências anteriores em solo brasileiro foram registradas em competições estaduais, Série B ou Série C do Campeonato Brasileiro.

Em um intervalo de duas semanas a partir da data do ocorrido, o GloboEsporte.com produziu 134 matérias sobre o assunto, enquanto o UOL Esporte publicou 80 notícias: em média, cada portal publicou 19 e 11 matérias por dia, respectivamente. Na primeira semana, o portal de esportes da Globo.com produziu 101 matérias, ao passo em que 33 notícias foram feitas na segunda semana. Já no UOL, foram contabilizadas 59 notícias nos primeiros sete dias e 21 matérias na semana seguinte. (Anexo 1, p. i)

Assim como no “caso Tinga”, a partida onde aconteceu a situação de racismo foi disputada à noite, com início às 20h de quinta-feira, 28 de agosto de 2014, no horário de Brasília. Portanto, para efeito de análise, as matérias publicadas tanto nos dias 28 e 29 de agosto são consideradas como matérias do primeiro dia de cobertura do episódio. Assim, o período de duas semanas analisado termina em 11 de setembro de 2014.

De tal modo, foram contabilizadas 20 notícias produzidas pelo UOL Esporte no primeiro dia, um número muito superior às duas matérias do “caso Daniel Alves”, porém apenas uma publicação a mais em relação ao primeiro dia de repercussão do “caso Tinga” no portal. (Anexo 2, p. i) Já o GloboEsporte.com se mostrou, logo nas primeiras 24 horas, muito mais enfático ao cobrir o novo caso: foram contabilizadas 39 matérias do portal de esportes da Globo.com no primeiro dia, 32 notícias a mais em relação ao “caso Daniel Alves” e 23 publicações a mais do que no “caso Tinga”. (Anexo 3, p. i)

A primeira publicação de ambos os portais foi a crônica do jogo. Às 21h56 do dia 28 de agosto, o UOL Esporte publicou sua crônica com a manchete “Santos bate o Grêmio em Porto Alegre e encaminha avanço. Felipão é expulso”, sem mencionar a reclamação de racismo feita por Aranha.²¹ Diferentemente do “caso Tinga”, quando o

²¹ *Santos bate o Grêmio em Porto Alegre e encaminha avanço. Felipão é expulso.* Disponível em: <http://esporte.uol.com.br/futebol/campeonatos/copa-do-brasil/ultimas-noticias/2014/08/28/gremio-x-santos.htm>. Acesso em: 16 de fevereiro de 2016

portal fez toda a crônica ignorando o episódio de racismo, descrito apenas na matéria seguinte, dessa vez apenas o título não falava das ofensas raciais. (Anexo 10, p. vi)

Ainda assim, somente um parágrafo de três linhas, com um *hyperlink* para a notícia seguinte, mencionava o caso: nem sequer o lide da matéria falava de racismo. Mais uma vez, o UOL preferiu dar destaque quase exclusivamente ao âmbito esportivo: segundo a crônica do portal, os pontos mais importantes da partida foram a vitória do Santos por 2 a 0 no estádio do adversário (o que lhe conferia uma grande vantagem para o jogo seguinte, uma vez que na Copa do Brasil o gol marcado “fora de casa” é um critério de desempate) e a expulsão do técnico Luiz Felipe Scolari, punido no intervalo da partida por xingar o árbitro.

Logo no começo da crônica, porém, há uma galeria de 13 vídeos com lances da partida e entrevistas pós-jogo. Entre eles, os três primeiros vídeos falam do caso de racismo, mas é possível analisar que tais vídeos foram adicionados posteriormente, mesmo sem o horário de publicação: o primeiro deles, por exemplo, é uma declaração de Aranha ao canal oficial do Santos no YouTube, a SantosTV, na qual o jogador cita que o duelo contra o Grêmio ocorrera no dia anterior.

Ao contrário do portal do Grupo Folha, a primeira matéria do GloboEsporte.com deu muito mais destaque às manifestações racistas dos torcedores de Porto Alegre. Publicada às 22h04 e atualizada às 22h30, a crônica levou o título “Santos vence Grêmio e tem grande vantagem; Aranha denuncia racismo”.²² O portal não repetiu o padrão utilizado nos casos envolvendo Tinga e Daniel Alves, quando destacou a situação de racismo antes mesmo do resultado do jogo nas manchetes. (Anexo 11, p. vii) Ainda assim, o site das Organizações Globo mostrou-se mais atento à relevância do fato do que o concorrente.

O GloboEsporte.com também menciona o racismo sofrido por Aranha no subtítulo da matéria, em um *box* antes do texto e em três parágrafos ao longo da crônica, além da foto. O lide conta brevemente a história da partida, sem citar o caso de racismo, destacado nos dois parágrafos seguintes: no primeiro deles, é mencionada a torcedora que foi flagrada pela ESPN xingando o goleiro; no segundo, há uma declaração de Aranha feita ao término da partida. A partir de então, a crônica começa a descrever a partida cronologicamente e volta a mencionar a situação no parágrafo final, uma vez

²² Santos vence Grêmio e tem grande vantagem; Aranha denuncia racismo. Disponível em: <http://globoesporte.globo.com/futebol/copa-do-brasil/noticia/2014/08/santos-vence-gremio-e-tem-grande-vantagem-aranha-acusa-racismo.html>. Acesso em: 16 de fevereiro de 2016

que as manifestações racistas tiveram maior destaque no final do segundo tempo de jogo, quando Aranha se queixou ao árbitro sobre os insultos.

Em sua segunda matéria após o término do jogo entre Grêmio e Santos, publicada às 22h07 e atualizada à 0h31, o UOL Esporte destacou o racismo contra o goleiro Aranha separadamente. Pela crônica da partida, é possível acessá-la através de um *hyperlink* no quinto parágrafo, o único que menciona o ocorrido. Nessa notícia, com o título “Aranha acusa torcida do Grêmio de racismo: “macaco e preto fedido, dói””, o portal destaca a acusação do jogador à torcida gremista e reproduz a declaração de Aranha após a partida quase na íntegra.

Da outra vez que a gente veio jogar, estava passando campanha contra o racismo no telão, não é por acaso. Eu estava no gol, xingar, pegar no pé, normal. Chamaram-me de preto fedido, cambada de preto. Começou aquele corinho de macaco. Eu pedi para o cinegrafista filmar, mas já tinham feito. Eu fico p..., desculpe o palavrão. Dói, dói. Quando me chamaram de preto, eu disse que sou preto sim, sou negão sim. Sempre tem alguns racistas aqui no meio. Está dado o recado para ficar esperto para a próxima partida. Hoje tem leis, mas no futebol o torcedor usa de várias maneiras de desestabilizar os jogadores. (ARANHA, 2014)²³

A matéria destaca também que as imagens da ESPN Brasil registraram o momento em que os torcedores do Grêmio imitavam o barulho de macacos nas arquibancadas e o flagrante a uma torcedora chamando o goleiro de “macaco”. Ao final da notícia, o UOL ainda inseriu um intertítulo para lembrar dois casos anteriores, também ocorridos em 2014 e que, em situação distintas, também envolviam um jogador do Santos como vítima e torcedores do Grêmio como réus: o “caso Arouca” e o “caso Paulão”.²⁴

O portal do Grupo Folha continuou a cobertura ao final do dia 28 e ao longo de todo o dia 29 de agosto com outras 18 notícias. Como nos casos de Tinga e Daniel Alves, muitas manifestações de apoio por pessoas e entidades ligadas ao futebol se tornaram notícia: em uma delas, o UOL destacou que o Corinthians publicou uma

²³ *Aranha acusa torcida do Grêmio de racismo: “macaco e preto fedido, dói”*. Disponível em: <http://esporte.uol.com.br/futebol/campeonatos/copa-do-brasil/ultimas-noticias/2014/08/28/aranha-acusa-torcida-do-gremio-de-racismo-macaco-e-preto-fedido-doi.htm>. Acesso em: 31 de janeiro de 2016

²⁴ No dia 6 de março de 2014, a Rádio ESPN flagrou torcedores do Mogi Mirim xingando o jogador Arouca, do Santos, de “macaco”, após a partida entre as duas equipes, válida pelo Campeonato Paulista, no estádio Romildo Ferreira, na cidade de Mogi Mirim. A equipe mogiana foi punida pelo Tribunal de Justiça Desportiva de São Paulo (TJD-SP) em R\$ 50 mil e teve seu estádio interditado temporariamente. Já no dia 30 do mesmo mês, o zagueiro Paulão, do Internacional, alegou ter escutado insultos racistas de torcedores gremistas após o término da partida entre Grêmio e Internacional, na Arena do Grêmio, válida pelo Campeonato Gaúcho. O STJD puniu a equipe gremista com multa de R\$ 30 mil, pagos a uma entidade que trabalhasse contra a discriminação racial.

imagem no Twitter em solidariedade ao jogador do rival Santos e aproveitou também para reproduzir uma publicação de Alexandre Kalil, então presidente do Atlético Mineiro, na mesma rede social, na qual xingava a torcedora gremista que fora flagrada insultando Aranha. Em outra matéria, o portal reproduziu uma entrevista do goleiro Jefferson, do Botafogo, ao SporTV, na qual o atleta apoiou Aranha e afirmou já ter sido alvos de xingamentos similares. O atacante Robinho, à época principal jogador do Santos, também deu uma declaração apoiando o companheiro de clube e exigindo punição rigorosa aos torcedores do Grêmio. Outra notícia reuniu essas e outras declarações, todas reforçando o repúdio aos atos racistas.

Quem também se pronunciou sobre o caso e se tornou notícia foi o enteado de Aranha, que publicou um texto e uma foto no Instagram mostrando-se indignado com o ocorrido e afirmando se orgulhar de ter um pai negro. Na mesma publicação, o jovem reutilizou a hashtag #somostodosmacacos, criada após o “caso Daniel Alves”.

Uma matéria publicada às 23h49 do dia 28 de agosto relatava que o árbitro da partida Wilton Pereira Sampaio descreveu na súmula os xingamentos de Felipão dirigidos contra ele e citou até um papel higiênico atirado no gramado, mas não relatou nada em relação às manifestações racistas. Às 10h50 do dia seguinte, o UOL publicou nova notícia afirmando que o árbitro mudara o texto da súmula para incluir os insultos racistas. De acordo com o novo texto, Pereira Sampaio alegou só ter tomado ciência do ocorrido a partir da imprensa, ao chegar ao hotel após a partida, em contradição às queixas feitas por Aranha ao próprio árbitro perto do final do jogo.

Em outra matéria, o UOL traçou uma linha histórica, na qual afirmou que o racismo nos estádios de futebol do Rio Grande do Sul são recorrentes, elencando os seis casos que considerava mais recentes e marcantes à época, três deles ocorridos em 2014: o do árbitro Márcio Chagas da Silva, o do zagueiro Paulão e o do goleiro Lúcio, em Pelotas.²⁵

Coincidência ou não, o estado gaúcho é a segunda unidade federativa do Brasil com o maior percentual de “brancos” em sua população, atrás apenas de Santa Catarina. De acordo com a Síntese de Indicadores Sociais de 2010, estudo feito pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) que analisa, dentre outros aspectos, as

²⁵ No dia 22 de fevereiro de 2014, o goleiro Lúcio, reserva do São Paulo de Rio Grande, foi alvo de insultos racistas por parte da torcida do Pelotas, em partida entre as duas equipes válida pelo Campeonato Gaúcho, no estádio Boca do Lobo, na cidade de Pelotas. O árbitro Márcio Chagas da Silva, que também viria a ser vítima de racismo posteriormente no Rio Grande do Sul, relatou o ocorrido na súmula do jogo. No entanto, em julgamento no TJD-RS, o Pelotas foi absolvido das acusações e não sofreu punição, sob alegação de que o torcedor envolvido no caso havia sido detido pela Brigada Militar no momento do ato.

condições de vida dos brasileiros, a população do Rio Grande do Sul é dividida etnicamente em 81,4% de “brancos”, 13,3% de “pardos”, 5% de “pretos” e 0,3% de “amarelos ou indígenas”. O estado gaúcho também é o segundo com menor percentual de “pardos” do país, mais uma vez atrás de Santa Catarina. Já em relação ao percentual de “pretos”, o Rio Grande do Sul fica na 17.^a colocação.

Um grande diferencial do “caso Aranha” em relação aos episódios anteriores envolvendo Tinga e Daniel Alves foi o fato de a partida ter acontecido no Brasil. Assim, a imprensa pôde acompanhar de perto os passos do jogador e das demais partes envolvidas. Antes mesmo de o atleta abrir um boletim de ocorrência na delegacia, a informação já havia sido dada pelo advogado do Santos, Cristiano Caús, em entrevista à ESPN Brasil, reproduzida pelo UOL. Após registrar o boletim, o jogador foi entrevistado já na saída da delegacia. Em uma matéria, o portal destacou a reclamação de Aranha em relação aos torcedores que não cometeram atos racistas, mas também não coibiram a atitude dos demais.

Em outra notícia, o portal cobriu a manhã de Aranha no hotel onde o Santos se hospedou em Porto Alegre, descrevendo desde o café da manhã até o tratamento de fisioterapia pós-jogo feito pelo jogador. A matéria afirmava também que o episódio de racismo se tornou assunto entre hóspedes e funcionários do hotel e ressalta que alguns jogadores do time paulista pararam junto à recepção para saber como o tema havia repercutido nos jornais.

Declarações do goleiro também foram destaque em duas outras notícias: em uma delas, retirada de entrevista publicada no site oficial do Santos, o atleta se mostrou decepcionado e citou Martin Luther King, ativista dos direitos civis dos negros nos Estados Unidos nas décadas de 1950 e 1960. Em uma segunda matéria, o UOL reproduziu um vídeo de Aranha gravado para a SantosTV, no qual o jogador reitera sua frustração e afirma que o racismo no Brasil não é novidade.

Vivemos em um país miscigenado, com muita gente, muitas raças, muitas cores e cada vez isso tem ficado maior, com uma quantidade maior de misturas. Então, se tinha um lugar onde não cabia esse tipo de acontecimento é aqui. Mas isso já vem de muito tempo, não vem de ontem. Tudo o que aconteceu agora já vem de muito tempo. (ARANHA, 2014)²⁶

²⁶ *Aranha pede respeito e espera que lei seja cumprida: "o mal mostrou a cara"*. Disponível em: <http://esporte.uol.com.br/futebol/ultimas-noticias/2014/08/29/aranha-pede-respeito-e-espera-que-lei-seja-cumprida-o-mal-mostrou-a-cara.htm>. Acesso em: 31 de janeiro de 2016

O UOL também repercutiu uma entrevista coletiva dada pelo presidente do Grêmio, Fábio Koff, na qual falou em nome do clube e pediu desculpas formais pelo ocorrido, prometendo punição aos torcedores envolvidos.

Quem também comentou o assunto em uma coletiva foi Vanderlei Luxemburgo, então treinador do Flamengo. Diferentemente das declarações de apoio, o técnico, que é mulato, questionou o racismo no futebol, sugerindo que tais provocações fariam parte da competição, como forma de desestabilizar os adversários. Luxemburgo também reviveu o “caso Daniel Alves”, ao citar a campanha #somostodosmacados, afirmando não ser nenhum macaco e sim “um cidadão que deve respeitar outro cidadão”.

A torcedora gremista que foi flagrada pela ESPN xingando o goleiro santista foi identificada pelo UOL pela primeira vez em matéria publicada às 11h36 do dia seguinte à partida. Nela, o portal afirma que Patrícia Moreira prestava serviços ao Centro Odontológico da Brigada Militar, sem vínculo empregatício, e fora afastada do trabalho por conta da atitude racista. A informação foi divulgada pela própria Brigada Militar em seu perfil no Twitter e confirmada pela reportagem do UOL Esporte. Poucas horas depois, o UOL divulgou que o Grêmio identificara e punira Patrícia e outros nove torcedores, não nomeados pelo portal, envolvidos nos atos racistas. Segundo o clube gaúcho, os dez torcedores foram informados de que não poderiam mais frequentar os jogos do Grêmio e tiveram seus nomes repassados à polícia.

Ao fim do primeiro dia, o portal do Grupo Folha publicou uma última matéria, na qual destacava que o STJD havia suspenso a segunda partida da Copa do Brasil entre Grêmio e Santos.

Uma diferença significativa entre as coberturas do UOL e do GloboEsporte.com sobre o “caso Aranha” pode ser notada logo nas primeiras horas: enquanto o portal do Grupo Folha publicou três matérias após a crônica do jogo até às 23h49 da noite do duelo entre Grêmio e Santos e só voltou a noticiar o caso às 6h da manhã seguinte, o site da Globo.com fez plantão em relação ao tema e produziu, até à 1h36, 12 notícias após a crônica do jogo, voltando a publicar uma nova matéria às 6h40. Apesar dessa distinção, tanto o dia 28 quanto o dia 29 de agosto de 2014 são considerados “primeiro dia” na análise feita neste trabalho, uma vez que a partida terminou por volta das 22h do dia 28.

Dentre as 12 publicações feitas pelo GloboEsporte.com logo após o fim do jogo, cinco repercutiam declarações sobre o ocorrido e mensagens de apoio a Aranha: os comentários pós-jogo dos jogadores Zé Roberto (do Grêmio), Arouca e Robinho

(ambos do Santos) ganharam, cada um, destaque em uma notícia diferente. O técnico Oswaldo de Oliveira, do Santos, também falou do incidente na coletiva após a partida, assim como o presidente do clube paulista, Odílio Rodrigues. Em duas outras notícias, o site reproduziu a repercussão nas redes sociais: em uma delas, foram reunidas publicações de clubes e jogadores via Twitter e Facebook; na outra, o GloboEsporte.com deu o tom da reação de anônimos na internet, reproduzindo mensagens do Twitter demonstrando revolta com as manifestações racistas.

Duas notícias repercutiam a reação do Grêmio após o caso: declarações do assessor de futebol do clube Marcos Chitolina, defendendo a punição aos torcedores envolvidos, e a reprodução de uma nota oficial divulgada pelo time gaúcho no início da madrugada, na qual repudiava os atos racistas e se solidarizava ao goleiro Aranha. Mais três notícias fecharam o plantão do GloboEsporte.com: a informação de que o árbitro não relatara os insultos racistas na súmula da partida; uma declaração da assessoria do procurador do STJD Paulo Schmitt, afirmando que pediria as imagens do jogo para uma possível abertura de inquérito; e a notícia de que três torcedores foram julgados e punidos no Juizado Especial Criminal da Arena do Grêmio por conta de conflitos nas arquibancadas sem relação ao episódio de racismo.

A cobertura das primeiras 24 horas do “caso Aranha” continuou no GloboEsporte.com com mais 26 matérias, totalizando 39 publicações no primeiro dia. Assim como fez o UOL Esporte, o site das Organizações Globo também acompanhou os passos do goleiro e de outros personagens envolvidos.

O advogado do Santos, Cristiano Caús, declarou ao portal que o clube denunciaria o racismo, antes mesmo do registro do boletim de ocorrência. A abertura de um inquérito por parte da Polícia Civil do Rio Grande do Sul também ganhou destaque, assim como o tratamento pós-jogo feito por Aranha no hotel em Porto Alegre. A entrevista ao site oficial do Santos, na qual é feita a menção a Martin Luther King, foi reproduzida parcialmente pelo site e, às 12h30, foi publicado que o jogador registrara o boletim de ocorrência.

Sete matérias abordavam o caso pelo viés do Grêmio. Uma delas chamava atenção ao fato de que o “caso Aranha” era o segundo em 2014 envolvendo torcedores do clube em manifestações racistas, lembrando o “caso Paulão” ocorrido cinco meses antes, e reforçando que o clube lutava contra a imagem de racista. Três notícias ratificavam essa tentativa: o anúncio da Torcida Jovem Grêmio, principal torcida organizada do clube, de que as palavras “macaco” e “macacada” seriam abolidas dos

cânticos nos estádios; a declaração do presidente Fábio Koff em entrevista coletiva afirmando que o clube repudiava o ocorrido; e a reprodução de um vídeo divulgado pelo Grêmio, exaltando personagens negros históricos da agremiação, mais uma vez para demonstrar o repúdio ao racismo.

Ainda sobre as matérias sob o olhar gremista, mais três publicações: o “pacotão” da partida, com um resumo do que havia acontecido no duelo contra o Santos, incluindo os insultos racistas; a declaração do advogado do clube Gabriel Vieira, admitindo o temor em relação a punições; e a nota divulgada pelo Grêmio informando que identificara e punira dez torcedores por conta do incidente, destacando Patrícia Moreira, que já havia sido identificada pelo portal em notícia sobre seu afastamento do trabalho, tal e qual fez o UOL Esporte.

Assim como o concorrente, o GloboEsporte.com também reviveu os casos de racismo no Rio Grande do Sul em 2014. A matéria, dessa vez, destacava o fato de somente os clubes terem sido punidos e nenhuma pessoa ter sido responsabilizada pelas ofensas até então, tanto nos casos envolvendo Márcio Chagas da Silva e Paulão, quanto no episódio com Aranha. Apesar de pertinente em sua análise, a notícia se equivocou ao esquecer o caso do goleiro Lúcio, ocorrido em Pelotas, onde a punição aconteceu às avessas das demais: o clube foi absolvido e o torcedor responsável pelos insultos racistas foi detido pela Brigada Militar, apesar de logo ter sido solto sob o pagamento de fiança.

Os familiares de Aranha geraram notícias ao reagirem ao incidente e demonstrarem suporte ao goleiro. O irmão e a mãe do atleta, Maurício e Benedita Duarte, foram entrevistados pelo portal na cidade de Pouso Alegre, no interior de Minas Gerais, onde moram. A esposa do jogador, Juliana Costa, também foi ouvida pelo site em outra matéria. Já a declaração do enteado Bernardo foi obtida graças à publicação feita no Instagram.

Outras manifestações de apoio foram reproduzidas em mais três notícias: a Ponte Preta, onde Aranha se profissionalizou como jogador, emitiu uma nota de repúdio; o Bahia aproveitou o ocorrido para lançar uma nova mascote, uma mulher negra vestida de Mulher Maravilha, que já estava pronta, esperando apenas um momento propício para divulgação; e o ABC Futebol Clube divulgou um vídeo em suas redes sociais com uma mensagem de apoio de seus jogadores a Aranha.

Duas declarações criticando a postura do goleiro santista também foram divulgadas pelo GloboEsporte.com: as declarações de Vanderlei Luxemburgo

questionando o racismo no futebol, também divulgadas pelo UOL, e uma entrevista com Ademir Fonseca, ex-jogador e então técnico do CRB, na qual ele afirma que, por ser negro, seria racismo ser chamado de “Xuxa ou alemão”, defendendo que os negros não deveriam se ofender ao serem chamados de “pretos”, por exemplo.

O portal também noticiou o adendo acrescentado pelo árbitro Wilton Pereira Sampaio à súmula do jogo entre Grêmio e Santos, a fim de incluir os insultos racistas. A cobertura do primeiro dia terminou com duas matérias sobre a suspensão do jogo de volta entre as duas equipes: a que noticiava o anúncio da decisão por parte do STJD e outra com uma declaração do vice-presidente do Santos, Luis Claudio de Aquino, na qual afirmava que o clube estava surpreso com a decisão.

No sábado, 30 de agosto, segundo dia de cobertura do episódio, a quantidade de matérias diminuiu em ambos os portais analisados. O UOL Esporte publicou cinco notícias contra sete do GloboEsporte.com.

Duas notícias do portal do Universo Online repercutiam assuntos que já haviam sido tratados pelo GloboEsporte.com no dia anterior: o vídeo divulgado pelo Grêmio repudiando o racismo no qual relembrava seus ídolos e personagens negros; e a campanha da torcida organizada do clube para banir o termo “macaco” de suas canções. Uma matéria informava que o governo federal colocaria em funcionamento a Comissão Nacional de Prevenção da Violência e Segurança nos Espetáculos Esportivos (Consegue), órgão voltado para a inibição e prevenção da violência e do racismo nos estádios. O site também reproduziu um artigo da BBC Brasil, no qual comparava as penas por racismo aplicadas no Brasil às punições ocorridas no futebol italiano, avaliando que os casos recorrentes em nosso país estavam gerando o debate. O UOL ainda noticiou que dois torcedores do Grêmio acusados de proferir insultos racistas a Aranha, entre eles Patrícia Moreira, flagrada pelas câmeras da ESPN, foram intimados a depor na 4.^a Delegacia de Polícia de Porto Alegre, e que a pena por racismo poderia chegar a três anos de prisão.

Das sete notícias do GloboEsporte.com, uma ainda repercutia declarações de apoio a Aranha: o jogador Marco Antônio, que na época estava emprestado ao Figueirense pelo Grêmio, chamou os atos racistas de “idiotice”. Uma matéria informava que a camisa de Aranha na partida seguinte do Santos, contra o Botafogo, no Maracanã, levaria uma mensagem contra o racismo. O site também repercutiu a reação do Grêmio à suspensão da segunda partida pela Copa do Brasil, na qual o clube se considerou

“malquistado” pelo STJD. Ainda sobre o jogo de volta, o portal anunciou que o Santos cancelara a venda de ingressos.

Uma notícia analisava as possíveis denúncias e punições, afirmando que a Polícia Civil do Rio Grande do Sul tinha a expectativa de aumentar o número de suspeitos pelas injúrias raciais e que o Ministério Público do estado também estudava aplicar punições à torcida organizada Geral do Grêmio. A mesma notícia ainda reiterava que o segundo jogo havia sido suspenso, acrescentando que o Grêmio seria julgado pelo STJD, pelos atos racistas de seus torcedores, assim como o quarteto de arbitragem, por não ter incluído o ocorrido na súmula logo após o fim da partida.

Assim como o UOL Esporte, a página de esportes da Globo.com também noticiou que dois torcedores do Grêmio foram intimados a depor, porém deu maior destaque a Patrícia Moreira, com a manchete “Garota investigada por injúria racial a Aranha é intimada a depor no RS”.²⁷ Ainda sobre a torcedora, o site publicou uma notícia afirmando que a casa de Patrícia, na zona norte de Porto Alegre, havia sido apedrejada.

Nos três dias seguintes, o UOL Esporte esfriou a cobertura do caso, publicando quatro matérias no domingo, três na segunda-feira e sete na terça-feira, voltando a dar maior destaque ao ocorrido no final dos primeiros sete dias, com dez notícias produzidas na quarta-feira e dez na quinta-feira.

Em 31 de agosto, domingo, o portal focou na partida entre Grêmio e Bahia, válida pelo Campeonato Brasileiro. O evento gerou três notícias. Antes do confronto, uma matéria publicava que o clube gaúcho buscava apagar a imagem de racista. Após o jogo, o site noticiou um maço de cigarros atirado em um dos médicos do time baiano, alertando para reincidência de atos reprováveis da torcida gremista, mas registrando apenas em um dos últimos parágrafos que parte da torcida gremista entoara cânticos racistas. A entrevista coletiva de Luiz Felipe Scolari, na qual repudiava o racismo e pedia ajuda do governo, foi outra notícia.

No mesmo dia, o UOL publicou uma matéria sobre Patrícia Moreira, na qual ouviu amigos e familiares da torcedora, que a defendiam e alegavam estar em choque com a manifestação racista. O texto ainda questionava a depredação da casa onde a

²⁷ *Garota investigada por injúria racial a Aranha é intimada a depor no RS*. Disponível em: <http://globoesporte.globo.com/rs/noticia/2014/08/garota-investigada-por-injuria-racial-e-intimada-depor-na-segunda-no-rs.html>. Acesso em: 24 de fevereiro de 2016

jovem morava – divulgada anteriormente pelo GloboEsporte.com – e afirmava que a família havia deixado Porto Alegre.

No dia seguinte, Patrícia foi o principal foco do caso: duas das três matérias produzidas falavam sobre a torcedora. Em uma delas, o site reproduziu a entrevista de Aranha ao “Fantástico”, programa da Rede Globo, na qual o goleiro afirmou sentir dó da jovem. Outra matéria informava que a polícia havia adiado a data do depoimento de Patrícia Moreira. Uma terceira publicação comentava o rompimento de relações entre o Grêmio e sua principal torcida organizada, a Geral do Grêmio.

Na terça-feira, dia 2 de setembro, o UOL Esporte publicou duas notícias pelo viés do Santos, em apoio ao jogador, e duas pelo viés do Grêmio, que buscava se defender das acusações. Duas notícias comentavam o episódio através da questão policial: em uma delas, os torcedores Tiago Oliveira e Rodrigo Rychter, ao deixarem a delegacia após prestar depoimento, negaram ter xingado Aranha; em outra matéria, o portal informava que a Polícia Civil havia intimado mais três pessoas no caso, entre eles Rodrigo Rysdyk, líder da torcida organizada Geral do Grêmio. Outra publicação afirmava que Patrícia Moreira desejava se desculpar a Aranha em rede nacional, informação obtida através do irmão da jovem, em entrevista ao jornal Zero Hora.

Na quarta-feira, dia do julgamento do caso no STJD, o UOL publicou dez matérias. Pela manhã, o site fez um levantamento das possíveis punições ao clube gaúcho, afirmando que o Grêmio poderia ter um prejuízo de até R\$ 4,7 milhões por conta das injúrias raciais. No final da tarde, o portal informou o resultado do pleito: exclusão do Grêmio da Copa do Brasil, multa de R\$ 54 mil e proibição aos torcedores identificados de frequentarem estádios de futebol por 720 dias. Poucas horas depois, o site publicou que a diretoria do clube não estava surpresa com a decisão e que, para os dirigentes gremistas, o resultado já estava decidido antes mesmo do julgamento.

Seis notícias repercutiram o caso fora da esfera desportiva, cobrindo o dia a dia na 4.^a Delegacia de Polícia de Porto Alegre, através de entrevistas com suspeitos e relato dos depoimentos. O portal destacou que um dos torcedores que compareceram à delegacia era negro e que outro, branco, levava consigo dois amigos negros para testemunharem a seu favor. Outra notícia antecipava como seria o depoimento de Patrícia Moreira, que compareceria à delegacia no dia seguinte.

Na quinta-feira, 4 de setembro, as dez notícias publicadas pelo UOL Esporte abordavam o julgamento do caso, tanto na esfera desportiva quando no âmbito policial. Sobre o pleito do STJD, o portal destacou que alguns auditores cochilaram e acessaram

o Facebook durante o julgamento, que durou cerca de três horas e meia. Uma notícia repercutia que Ricardo Graiche, um dos auditores responsáveis pela exclusão do Grêmio, seria investigado pelo STJD por supostamente publicar mensagens racistas em suas redes sociais. Outras matérias reproduziam mensagens de apoio à decisão que excluiu o time gaúcho da Copa do Brasil: uma declaração de Joseph Blatter, então presidente da FIFA, e outra de Edu Dracena, à época zagueiro e capitão do Santos.

Sobre a investigação da polícia, o site continuou acompanhando o dia a dia na delegacia. Antes disso, porém, publicou uma notícia com declarações exclusivas do advogado de Patrícia Moreira, nas quais ele afirmava que sua cliente estava desestruturada, sem conseguir sair e necessitando de apoio médico. Na parte da manhã, o UOL Esporte noticiou a chegada de Patrícia à delegacia, sob protestos e lágrimas, e repercutiu o depoimento da jovem, no qual ela admitiu ter xingado Aranha, mas negou o cunho racista. Também geraram notícias o depoimento de uma testemunha do caso e a intimação a mais dois gremistas para depor. O site ainda publicou que o prazo para a investigação duraria menos de um mês, de acordo com o delegado responsável Cleber Ferreira.

O GloboEsporte.com também continuou a repercutir o caso constantemente na primeira semana e, em quase todos os dias, com pelo menos uma dezena de publicações, números superiores aos do concorrente. O portal publicou dez matérias no domingo, nove na segunda-feira e 11 na terça-feira. Na quarta-feira, o site produziu o maior número de notícias desde o primeiro dia, com 14 matérias, e fechou a primeira semana pesquisada com 11 notícias na quinta-feira.

No domingo, dia 31 de agosto, o site das Organizações Globo publicou logo cedo a prévia da partida entre Grêmio e Bahia, a primeira após o episódio de racismo, assim como fez o UOL Esporte. O portal produziu duas notícias mostrando os esforços do clube para repudiar o racismo: uma sobre o “guia da partida” na Arena do Grêmio, impresso em preto e branco e dedicado aos negros; e outra sobre a faixa com os dizeres “Somos azuis, pretos e brancos. Chega de racismo”, com a qual o time gremista entrou em campo. Apesar das campanhas, o GloboEsporte.com destacou com uma manchete o fato de que parte da torcida do Grêmio cantou uma música com o trecho “chora, macaco imundo”, acontecimento quase ignorado pelo UOL. O portal da Globo.com repercutiu ainda mais a reincidência ao ouvir a declaração de Fábio Koff, presidente do clube, lamentando a presença de tais torcedores, e a entrevista de Luiz Felipe Scolari, repudiando o racismo.

Também ganharam espaço a mensagem de apoio do Rio Branco Football Club ao goleiro, publicada no Facebook; uma matéria exaltando os ídolos negros do Grêmio; a informação de que o clube contribuía com a Polícia Civil no caso, enviando imagens da partida contra o Santos; e as declarações de amigos negros de Patrícia Moreira, a torcedora filmada pela ESPN xingando Aranha de “macaco”, nas quais eles alegavam que a jovem não era racista.

No dia seguinte, Patrícia foi destaque em três novas notícias: uma na qual relatava estar sofrendo ameaças e queria pedir desculpas ao goleiro; e outra sobre o fato de a jovem ter sido abandonada por seu advogado, que preferiu deixar o caso por ser conselheiro do Grêmio. A terceira não falava sobre Patrícia em si, mas apresentava declarações de Bianca Bierhals, torcedora que aparece perto de Patrícia nas imagens da ESPN onde a jovem é vista ofendendo Aranha.

Três matérias acompanharam o decorrer da investigação por parte da polícia e uma anunciava a decisão do Grêmio de banir a torcida organizada Geral do Grêmio por tempo indeterminado. Outras duas notícias apenas mencionavam o “caso Aranha”: os resumos das partidas de Grêmio (contra o Bahia) e Santos (contra o Botafogo) pelo Campeonato Brasileiro.

Na terça-feira, dia 2 de setembro, oito das 11 matérias produzidas pelo site abordavam tentativas de defesa no caso, tanto por parte de torcedores supostamente envolvidos, quanto por parte do Grêmio. Intimado a depor, o torcedor Eder Braga, flagrado em vídeo xingando Aranha na partida contra o Santos, rendeu uma matéria: ele admitiu ter ofendido o goleiro, mas não racialmente. Rodrigo Rychter foi outro que admitiu estar no mesmo setor da Geral do Grêmio, de onde as manifestações racistas partiram, mas também negou ter insultado Aranha. Já Tiago Bulzing de Oliveira gerou duas notícias: na primeira, o jovem de 23 anos garantia ter sido confundido e ter sido intimado equivocadamente; na segunda, foi reproduzido seu desabafo no Facebook, no qual utilizou até uma fotografia para provar que estava no estádio no dia do ocorrido, mas não no mesmo local em que a Geral do Grêmio.

Quatro matérias abordaram a postura do Grêmio para escapar de uma punição. A primeira avaliava que o clube estava sendo pressionado e, por conta disso, havia punido sua torcida organizada como forma de mostrar reação ao caso. O mesmo texto ainda traçava um histórico de polêmicas envolvendo a Geral do Grêmio, destacando situações de violência nos estádios. Em outra matéria, foi reproduzida uma entrevista de um dos vice-presidentes do clube, Renato Moreira, ao site da ESPN, na qual o dirigente alegava

que o Grêmio, por ser gaúcho, sofria homofobia por parte de torcedores do Rio de Janeiro e de São Paulo. Outro vice-presidente do clube, Adalberto Preis se manifestou via Twitter, negando a existência do episódio de racismo e criticando Aranha. Ex-presidente gremista, Luiz Carlos Silveira Martins também rebateu as acusações do goleiro, afirmando que ofensas desse tipo faziam parte do folclore do futebol.

Três notícias antecipavam possíveis desdobramentos do episódio, destacando que Patrícia Moreira prestaria depoimento na quinta-feira seguinte; o fato de a Polícia Civil ter intimado três novos torcedores a depor; e as previsões do procurador-geral do STJD, que, um dia antes do julgamento, acreditava na exclusão do Grêmio na Copa do Brasil.

Na quarta-feira, sexto dia de cobertura do caso, o GloboEsporte.com continuou a acompanhar os depoimentos na polícia: quatro matérias falavam sobre a investigação, repercutindo depoimentos e os próximos personagens a depor. A maioria das notícias, porém, foi sobre o julgamento do clube no STJD. Em sete matérias, o portal demonstrou a preocupação e o pessimismo de torcedores e dirigentes do clube antes do julgamento e, após a decisão de excluir o time gaúcho da Copa do Brasil, abordou a revolta dos dirigentes gremistas e a repercussão do caso na imprensa internacional.

Duas notícias falavam de Patrícia Moreira: uma breve entrevista com a mãe da jovem, que defendia a filha e afirmava não saber seu paradeiro; e uma matéria informando que a polícia reforçaria a segurança durante seu depoimento. Uma matéria não tratava do “caso Aranha” em si: uma entrevista com Abel Braga, então técnico do Internacional, maior rival do Grêmio, na qual comparava o episódio à vez em que a torcida gremista entoou gritos de “O Fernandão morreu”.²⁸

Na quinta-feira, dia 4 de setembro, o GloboEsporte.com publicou 11 matérias sobre o caso. Seis repercutiam o julgamento do STJD, incluindo a mensagem de apoio de Joseph Blatter à decisão e a polêmica envolvendo um dos auditores do processo, que foi acusado de publicar imagem de cunho racista em uma de suas redes sociais. Uma matéria informava que, após a punição, o Grêmio tinha a intenção de monitorar as próximas partidas da temporada e fiscalizar possíveis ofensas de seus torcedores.

²⁸ Considerado um dos maiores ídolos da história do Internacional, o ex-atacante Fernandão morreu no dia 7 de junho de 2014, aos 36 anos, vítima de um acidente de helicóptero. Em 10 de agosto do mesmo ano, apenas 18 dias antes da deflagração do “caso Aranha”, parte da torcida gremista cantou gritos de “O Fernandão morreu”, durante uma partida entre Grêmio e Internacional, disputada no estádio Beira-Rio. O fato repercutiu negativamente na imprensa e nas redes sociais, mas não gerou sanções ao clube ou aos torcedores.

No âmbito policial, o portal deu destaque ao depoimento de Patrícia Moreira em duas notícias, acompanhando sua chegada à delegacia, aos prantos, e divulgando o conteúdo das informações dadas à polícia, onde Patrícia admitiu ter xingado Aranha, mas negou a intenção de ofendê-lo. O site também repercutiu o depoimento de uma testemunha do caso.

A segunda semana de cobertura do “caso Aranha” ainda gerou números expressivos, considerando que o episódio já havia ocorrido há mais de sete dias: o UOL Esporte publicou 21 novas notícias e o GloboEsporte.com produziu mais 33 matérias. Diferentemente do “caso Daniel Alves”, não houve nenhum dia em que os portais deixassem de mencionar o caso. (Anexos 2 e 3, p. i)

No dia 5 de setembro, metade das dez notícias publicadas pelo UOL envolvia Patrícia Moreira. No GloboEsporte.com, números parecidos: três das sete notícias falavam sobre a torcedora. No dia seguinte, o destaque em ambos os portais ficou por conta da partida entre Flamengo e Grêmio, no Maracanã, onde alguns flamenguistas atacaram os torcedores rivais com latinhas e gritos de “racista”.

No domingo, dia 7 de setembro, os dois sites chamaram atenção para outros episódios de racismo. O UOL Esporte relembrou um caso de 2005, envolvendo o próprio Aranha: o goleiro, então jogador da Ponte Preta, estava em um carro e foi abordado por policiais em Campinas, enquanto levava uma criança branca ao hospital com outras duas pessoas negras. Na época, o atleta registrou boletim de ocorrência, no qual acusou os policiais militares de o terem agredido, deixando-o algemado no chão por cerca de dez minutos. Já o GloboEsporte.com trouxe à tona um novo caso: em partida válida pela Série D do Campeonato Brasileiro, o goleiro Igor, do Operário de Várzea Grande, teria sido vítima de insultos racistas por parte da torcida do Tombense, em Minas Gerais.²⁹

Ao final da segunda semana, os portais continuaram a repercutir a investigação da Polícia Civil do Rio Grande do Sul e os recursos do Grêmio no STJD. No dia 10 de setembro, Pelé comentou o episódio e foi destaque nos dois sites: o ex-jogador criticou a postura de Aranha no momento das ofensas e relembrou o “caso Daniel Alves”, alegando que o lateral teria tido uma atitude melhor do que o goleiro.

²⁹ Apesar da denúncia, o inquérito no STJD sobre o “caso Igor” foi suspenso sob a alegação de conduta ilícita em relação aos fatos. Em dezembro de 2014, a Polícia Civil de Minas Gerais também arquivou o caso por falta de provas e o goleiro foi indiciado por denúncia caluniosa.

Vocês se lembram que Daniel Alves descascou uma banana, comeu e bateu escanteio. Ninguém falou mais nada sobre racismo. Se ele tivesse jogado banana no público, até hoje falaríamos disso. Acho que o Aranha se precipitou um pouco ao querer brigar. Se eu fosse parar o jogo ou gritar toda vez que me chamassem de macaco ou crioulo, todo jogo ia parar. (PELÉ, 2014)³⁰

Nas duas semanas analisadas, o UOL Esporte repetiu o termo “macaco” 126 vezes e “racismo” em 167 ocasiões, levando em conta somente o título, subtítulo ou corpo das matérias. O GloboEsporte.com utilizou a palavra “macaco” em 197 oportunidades e repetiu “racismo” 217 vezes, considerando título, subtítulo, legenda e corpo das matérias. (Anexo 4, p. i)

Proporcionalmente, tanto o UOL Esporte quanto o GloboEsporte.com apresentaram um crescimento na utilização da palavra “macaco”. O aumento mais significativo ficou por conta do portal das Organizações Globo: nos casos envolvendo Tinga e Daniel Alves, o site parecia não querer reforçar o termo pejorativo, usando a palavra em média uma vez por matéria. No “caso Aranha”, a média subiu para 1,4, provavelmente por conta da repercussão do vídeo de Patrícia Moreira, que foi constantemente identificada nas publicações como “a garota flagrada chamando Aranha de ‘macaco’” e outras derivações.

Já em relação ao termo “racismo”, a média do GloboEsporte.com caiu consideravelmente em relação aos outros casos analisados: nos episódios envolvendo Tinga e Daniel Alves, houve, respectivamente, cerca de 2,8 e 2,7 menções à palavra por texto; no “caso Aranha”, o termo se repetiu em torno de 1,6 vezes por matéria. No UOL Esporte, a média de duas menções por matéria caiu um pouco em relação ao “caso Tinga” (2,1), mas foi maior do que no “caso Daniel Alves” (1,75). (Anexo 4, p. i)

Em geral, os dois portais se mostraram bastante dispostos a acompanhar o caso, suas repercussões e investigações. Ambos cobriram *in loco* momentos como a estadia da equipe do Santos no hotel de Porto Alegre, os depoimentos na 4.^a Delegacia de Polícia de Porto Alegre e o julgamento do Grêmio no STJD. Por conta disso, a cobertura nas redes sociais, ainda que tenha sido relevante, não foi o principal destaque, diferentemente dos casos envolvendo Tinga e Daniel Alves.

A torcedora Patrícia Moreira virou personagem central do episódio. Desde sua aparição em flagrante gravado pelo canal ESPN Brasil, a jovem chamou atenção.

³⁰ Pelé diz que Aranha se precipitou ao querer brigar com torcedores racistas. Disponível em: <http://esporte.uol.com.br/futebol/ultimas-noticias/2014/09/10/pele-diz-que-aranha-se-precipitou-ao-querer-brigar-com-torcedores-racistas.htm>. Acesso em: 6 de fevereiro de 2016

Patrícia ganhou destaque ainda maior após ter sido identificada pela imprensa e afastada do local onde trabalhava: amigos, familiares e até sua casa foram temas de notícias.

A punição desportiva ao Grêmio, como mencionado, levou o clube a perder a vaga na Copa do Brasil: no primeiro julgamento, o STJD decidiu pela exclusão do time do torneio, além de punir os torcedores identificados cometendo atos racistas a ficarem 720 dias sem frequentar estádios de futebol. Após recurso, a entidade anulou a decisão de excluir o Grêmio, mas decidiu que o clube perderia três pontos, o que, na prática, também eliminou o time da Copa do Brasil: como havia perdido a primeira partida contra o Santos por 2 a 0, os gaúchos não teriam mais chance de classificação à fase seguinte, uma vez que somavam seis pontos a menos que o time paulista.

Em relação ao inquérito policial, Patrícia Moreira e outros três torcedores do Grêmio foram indiciados pela Polícia Civil de Porto Alegre e pelo Ministério Público do Rio Grande do Sul por injúria racial. No entanto, nenhum dos réus chegou a ser julgado: após acordo com o juiz Marco Aurélio Xavier, selado em novembro de 2014, os quatro foram punidos a comparecer a uma delegacia em todos os dias de jogos do Grêmio 30 minutos antes do início da partida e sendo liberados 30 minutos após o término. A punição durou até agosto de 2015.

4. CONCLUSÃO

Como mencionado ao longo deste trabalho, o racismo é uma questão social que extrapola a esfera desportiva. Ainda assim, o futebol vem mostrando, desde o início de sua prática no Brasil, que não é um universo desvinculado das mazelas da sociedade e pode ser considerado um produto cultural e agente formador de nossa identidade. Assim, é impossível dissociar integralmente o mundo do futebol do contexto social que, de uma maneira ou de outra, também o afeta.

A questão do racismo, especificamente, vem se mostrando um problema no futebol brasileiro há mais de um século, possibilitando concluir que, mesmo com correntes contrárias e considerando as conquistas obtidas, o racismo ainda é um fator presente em nosso esporte mais popular e, conseqüentemente, em nossa sociedade.

Em geral, ao noticiar os casos de racismo em 2014, tanto o UOL Esporte quanto o GloboEsporte.com fizeram coberturas similares, inclusive com conteúdos parecidos e notícias repetidas, geralmente com intervalo máximo de um dia entre elas. Em algumas ocasiões, os dois sites focaram também nos mesmos personagens e reproduziram entrevistas das mesmas pessoas, seja a partir de fontes em comum ou diferentes.

Em termos quantitativos, o GloboEsporte.com superou o concorrente, produzindo um total de 237 matérias contra 151 do UOL Esporte, na soma dos três casos analisados. Analisando caso a caso, o portal das Organizações Globo publicou mais matérias que o UOL em todos eles: em números proporcionais, o “caso Daniel Alves” registrou a maior diferença, uma vez que o GloboEsporte.com publicou quase o dobro de matérias que o concorrente (60 contra 33); em números absolutos, a maior diferença foi no “caso Aranha”, quando foram publicadas 54 matérias a mais que o UOL (134 contra 80). O “caso Tinga” foi o único que não apresentou grande distinção na quantidade de material produzido: 43 notícias do GloboEsporte.com e 38 notícias do UOL Esporte.

A partir da análise de conteúdo proposta, foi possível perceber duas linhas diferentes ao abordar a questão, mesmo considerando o conteúdo das matérias como similar. Sobre a cobertura do UOL Esporte, nota-se uma maior frieza e distanciamento. Tal direcionamento permitiu que, por vezes, o portal do Grupo Folha publicasse análises sobre a questão do racismo a partir de uma visão de fora, sem envolver necessariamente os personagens dos casos ou o viés clubista, recurso tradicional na mídia esportiva.

Em compensação, essa linha de abordagem por vezes se mostrou muito distante, com destaque para a crônica do jogo onde ocorreu o “caso Tinga”, na qual as manifestações de racismo da torcida peruana foram totalmente ignoradas. Na crônica da partida do “caso Aranha”, situação parecida: o UOL não deixou de falar do ocorrido, mas focou principalmente na esfera esportiva.

Já o GloboEsporte.com apresentou uma linha editorial mais calorosa e chamativa. A quantidade de material produzido reflete isso, deixando claro que o portal se preocupou em repercutir o máximo possível cada caso, em especial o “caso Aranha”, ocorrido no Brasil. Contudo, esse viés mostrou, por vezes, ter algo de sensacionalista, levantando inclusive questionamentos acerca da relevância das notícias publicadas, vide a vez em que o portal dedicou espaço para o feirante que alegava estar vendendo mais bananas após o “caso Daniel Alves”.

Outro ponto perceptível na análise de conteúdo da cobertura do GloboEsporte.com foi o caráter local que algumas notícias apresentaram: no “caso Aranha”, por exemplo, ficava claro quais matérias eram voltadas para o torcedor do Grêmio e quais eram voltadas para o torcedor do Santos, o que não podia ser notado tão diretamente no UOL.

Ficou faltando, no material analisado, uma reflexão mais profunda acerca do racismo em nossa sociedade e no futebol brasileiro. Nesse sentido, o UOL Esporte se mostrou mais disposto a propor o debate do que o GloboEsporte.com, como na vez em que reproduziu um artigo da BBC Brasil que comparava os casos e punições ocorridos no Brasil aos acontecimentos envolvendo racismo na Itália. Vale a ressalva de que, por vezes, tal tipo de notícia é reservada para os blogs dos portais, espaços mais abertos a opinião e discussão que, no entanto, ficaram de fora do recorte da análise proposta neste trabalho.

A cobertura dos episódios analisados mostrou também a crescente importância das redes sociais para a produção de conteúdo jornalístico. Em diversas situações, foram buscadas fontes e material para publicação em sites como Facebook, Twitter e Instagram, seja ao reproduzir declarações de personagens envolvidos, seja para destacar as reações de familiares, torcedores ou personalidades da política ou do esporte. Nomes como o da presidente Dilma Rousseff e do ex-presidente da FIFA Joseph Blatter apareceram diversas vezes a partir de publicações nas redes sociais.

Destaca-se também o papel cada vez maior das assessorias e do marketing dos clubes: assim como aconteceu com as redes sociais, muitas vezes o material usado pelo

portais para produzir suas notícias era oriundo dos meios de comunicação oficial das agremiações. Notas, declarações e entrevistas retiradas de sites oficiais, reprodução de vídeos dos canais de TV dos clubes e publicações de suas redes sociais oficiais foram por diversas vezes gancho para notícias ou a própria notícia em si.

É importante salientar também que, apesar do número acentuado de casos de racismo registrados em 2014, não é possível aferir se o racismo no futebol aumentou ou se foram as denúncias a ele que se fizeram maiores e mais relevantes. A título de comparação, destaca-se o episódio de 1925 citado no começo deste trabalho, no qual o Vasco reclamou de insultos racistas contra seus atletas de maneira quase inútil, sem receber apoio por parte das entidades futebolísticas da época, muito menos da imprensa esportiva. Ainda sobre esse aspecto, ganham ênfase também declarações de antigos personagens negros e mulatos do futebol brasileiro, como Pelé e Vanderlei Luxemburgo, que em momento algum se mostraram complacentes às vítimas de racismo em 2014, por vezes alegando que “a situação era bem pior” em suas épocas.

Em um contexto geral, os casos de racismo em 2014 demonstram que a questão ainda precisa ser muito debatida e comentada em todos os meios da sociedade, sem exceção ao futebol, que, apesar de seus jogadores, craques e ídolos negros, reflete o meio no qual vivemos e, portanto, ainda corrobora o racismo de diferentes maneiras. De tal modo, este trabalho não tem a intenção de sentenciar ou idealizar tampouco os racistas, o racismo, as vítimas ou o esporte como um todo. O principal objetivo desse estudo é, sobretudo, levantar o questionamento, estimular o debate e auxiliar as pesquisas acerca do tema.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

LIVROS:

COELHO, Paulo Vinicius. *Jornalismo Esportivo*. São Paulo. Contexto, 2011.

FREYRE, Gilberto. *Casa Grande e Senzala*. São Paulo. Global, 2006.

GALEANO, Eduardo. *Futebol ao Sol e à Sombra*. Porto Alegre. L&PM Pocket, 2007.

HELAL, Ronaldo, SOARES, Antonio Jorge & LOVISOLO, Hugo. *A invenção do país do futebol: mídia, raça e idolatria*. Rio de Janeiro. Mauad X, 2001.

NAPOLEÃO, Antônio Carlos. *História das Ligas e Federações do Rio de Janeiro (1905–1941)*. In: SILVA, Francisco Carlos Teixeira da & SANTOS, Ricardo Pinto dos (org.) *Memória social dos esportes: futebol e política: a construção de uma identidade nacional*. Rio de Janeiro. Mauad X, 2006, pp.81-106

PENA, Felipe. *Teoria do Jornalismo*. São Paulo. Contexto, 2005.

RODRIGUES FILHO, Mário. *O Negro no Futebol Brasileiro*. Rio de Janeiro. Civilização Brasileira S.A., 1964.

SANTOS, Ricardo Pinto dos. *Entre “rivals”: futebol, racismo e modernidade no Rio de Janeiro e em Buenos Aires (1897-1924)*. Rio de Janeiro. Mauad X, 2012.

TRAQUINA, Nelson. *Teorias do Jornalismo, porque as notícias são como são*. Florianópolis. Insular, 2012.

ARTIGOS E MONOGRAFIAS:

CARVALHO, Marcelo Medeiros & SILVEIRA, Débora. *Relatório anual da discriminação racial no futebol*. 2015.

FRANCA FILHO, Marcílio Toscano. *Epitácio, Futebol e Pureza Racial – Um Breve Nota para a História dos Direitos Humanos no Brasil*. 2010

GONÇALVES JUNIOR, René Duarte. *Friedenreich e a reinvenção de São Paulo: o futebol e a vitória na fundação da metrópole*. 145 f. Dissertação (Mestrado) – História Social, Universidade de São Paulo, 2008.

HAAG, Fernanda Ribeiro. *Mario Filho e O negro no futebol brasileiro: uma análise histórica sobre a produção do livro*. In: Esporte e Sociedade. Ano 9. N.º 23. Rio de Janeiro. 2014.

HELAL, Ronaldo. *Futebol e comunicação: a consolidação do campo acadêmico no Brasil*. In: Comunicação, Mídia e Consumo. Ano 8. Vol. 8. N.º 21. São Paulo. 2011.

KERN, Matheus. *Critérios de Noticiabilidade: uma análise de conteúdo do caderno de esportes do jornal Zero Hora*. 62 f. Monografia (Graduação) – Jornalismo, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2011.

LEMO, Márcia de. *Imprensa Esportiva: dos artigos olímpicos de Nelson Rodrigues aos parágrafos telegráficos da Internet*. In: Revista Complexus. Vol. 1. N.º 1. Coronel Fabriciano. 2007.

MÁXIMO, João. *Memórias do futebol brasileiro*. In: Estudos Avançados. Vol. 13. N.º 37. São Paulo. 1999.

MORAES, João Quartim de. *O poder constituinte e a força*. In: Estudos Avançados. Vol. 3. N.º 7. São Paulo. 1989.

NASCIMENTO, Paulo Henrique do. *A Copa do Mundo de 1938: nacionalismo e a identidade nacional brasileira em campo*. In: Histórica – Revista Eletrônica do Arquivo Público do Estado de São Paulo, n.30, 2008.

ROSSIGNOLLI, Carla, ASSÊNCIO, Claudia & CORDENONSI, Ana Maria. *Interesse público e Critérios de Noticiabilidade – Um estudo sobre o programa TV Folha*. In: XVIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste. Bauru. 2013

SANTOS, João Manuel Casquinha Malaia. *Revolução Vascaína: a profissionalização do futebol e inserção sócio-econômica de negros e portugueses na cidade do Rio de Janeiro (1915-1934)*. 490 f. Tese (Doutorado) – História Econômica, Universidade de São Paulo, 2010.

SILVA, Gislene. *Para pensar critérios de noticiabilidade*. In: Estudos em Jornalismo e mídia. Vol. 2. N.º 1. Florianópolis. Insular, 2005

SITES:

AGÊNCIA ESTADO. *Mogi Mirim leva multa de R\$ 50 mil por racismo contra Arouca*. Disponível em: < <http://esportes.estadao.com.br/noticias/futebol,mogi-mirim-leva-multa-de-r-50-mil-por-racismo-contr-a-arouca,1144623> >, Acesso em: 31 de janeiro de 2016

ALCHORNE, Denaldo. *A ambígua trajetória do racismo no futebol no Brasil*. Disponível em: < <http://www.cartaeducacao.com.br/aulas/medio/a-ambigua-trajetoria-do-racismo-no-futebol-no-brasil/> >, Acesso em: 6 de fevereiro de 2016

DIÁRIO POPULAR. *Pelotas é absolvido de acusação de racismo*. Disponível em: < http://www.diariopopular.com.br/tudo/index.php?n_sistema=3056&id_noticia=ODEwNzc=&id_area=Mw== >, Acesso em: 31 de janeiro de 2016

FAVERO, Daniel. *Relembre Zé Roberto e outros casos de racismo no futebol gaúcho*. Disponível em: < <http://esportes.terra.com.br/futebol/estaduais/campeonato-gaucha/relembre-ze-roberto-e-outros-casos-de-racismo-no-futebol-gaucha,610894dc2f1fd310VgnCLD200000bbccce0aRCRD.html> >, Acesso em: 12 de fevereiro de 2016

GLOBOESPORTE.COM. *Após caso de racismo, Márcio Chagas deixa arbitragem e será comentarista*. Disponível em: < <http://globoesporte.globo.com/rs/noticia/2014/04/marcio-chagas-deixa-arbitragem-e-sera-comentarista-da-rbs-tv.html> >, Acesso em: 22 de janeiro de 2016

_____. *Punido em caso de racismo contra juiz, Esportivo é rebaixado no Gaúcho*. Disponível em: < <http://globoesporte.globo.com/rs/noticia/2014/04/punido-em-caso-de-racismo-contra-juiz-esportivo-e-rebaixado-no-gaucha.html> >, Acesso em: 22 de janeiro de 2016

MANENTI, Caetano. *Futebol a cores, uma história de racismo no Rio Grande do Sul*. Disponível em: < <https://medium.com/brasil/da-ilhota-a-arena-de-tesourinha-a-patricia-moreira-739caea6b382#.f66xsvi3y> >, Acesso em: 6 de fevereiro de 2016

MENDONÇA, Renata. *Caso Aranha fica sem julgamento; 'Falta consciência negra ao Judiciário', diz OAB*. Disponível em: < http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2014/11/141125_racismo_futebol_aranha_rm >, Acesso em: 6 de fevereiro de 2016

MOURA, Eduardo. *Pivô do caso Aranha volta a trabalhar, mas ainda sofre ameaça 1 ano depois*. Disponível em: < <http://globoesporte.globo.com/rs/noticia/2015/08/pivo-do-caso-aranha-volta-trabalhar-mas-ainda-sofre-ameaca-1-ano-depois.html> >, Acesso em: 6 de fevereiro de 2016

NABINGER, Felipe. *STJD reduz pena do Esportivo, mas definição de rebaixado no Gaúcho fica para agosto*. Disponível em: < <http://gaucha.clicrbs.com.br/rs/noticia-aberta/stjd-reduz-pena-do-esportivo-mas-definicao-de-rebaixado-no-gauchao-fica-para-agosto-109230.html> >, Acesso em: 13 de fevereiro de 2016

NEHE, Clarissa. *Futebol, racismo e o mito da "democracia racial"*. Disponível em: < <http://www.cartacapital.com.br/sociedade/futebol-racismo-e-o-mito-da-democracia-racial-1282.html> >, Acesso em: 6 de fevereiro de 2016

O ESTADO DE S.PAULO. *A pena perpétua de Barbosa*. Disponível em: < <http://esportes.estadao.com.br/noticias/futebol,copa-do-mundo,a-pena-perpetua-de-barbosa,1508993> >, Acesso em: 6 de fevereiro de 2016

OLIVEIRA, Roberta. *Ex-goleiro do Operário-MT é indiciado em caso de injúria racial na Série D*. Disponível em: < <http://globoesporte.globo.com/mg/zona-da-mata-centro-oeste/noticia/2014/12/ex-goleiro-do-operario-mt-e-indiciado-em-caso-de-injuria-racial-na-serie-d.html> >, Acesso em: 5 de fevereiro de 2016

PAVAM, Rosane. *Porque houve futebol*. Disponível em: < <http://www.cartacapital.com.br/cultura/porque-houve-futebol> >, Acesso em: 8 de fevereiro de 2016

PEREIRA, Miguel Lourenço. *Black Power, os rebeldes do futebol brasileiro*. Disponível em: < <http://www.futebolmagazine.com/black-power-os-rebeldes-do-futebol-brasileiro> >, Acesso em: 12 de fevereiro de 2016

PIRES, Breiller. *"Me desculpe, você é preto": técnicos reclamam de racismo*. Disponível em: < <http://placar.abril.com.br/materia/me-desculpe-voce-e-preto-tecnicos-negros-reclamam-de-racismo> >, Acesso em: 12 de fevereiro de 2016

RIBEIRO, Djamila. *A vingança de Barbosa: a luta do goleiro negro por respeito*. Disponível em: < <http://www.cartacapital.com.br/blogs/escritorio-feminista/a-vinganca-de-barbosa-a-luta-do-goleiro-negro-por-respeito-9005.html> >, Acesso em: 12 de fevereiro de 2016

ROCHA, Murilo. *Artilheiro rebelde*. Disponível em: < <http://www.otempo.com.br/cmlink/hotsites/copa-do-mundo-2014/artilheiro-rebelde-1.854309> >, Acesso em: 12 de fevereiro de 2016

VEJA. *STJD multa Grêmio por insulto racista contra atleta do Inter*. Disponível em: < <http://veja.abril.com.br/noticia/esporte/stjd-multa-gremio-por-insulto-racista-contr-atleta-do-inter> >, Acesso em: 31 de janeiro de 2016

VERZIGNASSE, Rogério. *Ponte quer provar que foi 1º clube a ter negro*. Disponível em: < http://correio.rac.com.br/_conteudo/2013/03/ig_paulista/41183-ponte-quer-provar-que-foi-1-clube-a-ter-negro.html >, Acesso em: 7 de fevereiro de 2016

VIEIRA, Marcello. *Conheça a verdadeira história sobre a origem do pó de arroz do Tricolor*. Disponível em: < <http://www.fluminense.com.br/site/futebol/2015/05/13/conheca-a-verdadeira-historia-sobre-a-origem-do-po-de-arroz/> >, Acesso em: 9 de fevereiro de 2016

YAHOO! BRASIL. *A inserção do negro no futebol brasileiro*. Disponível em: < <https://br.noticias.yahoo.com/spt--consci%C3%A4ncia-negra--a-iser%C3%A7%C3%A3o-do-negro-no-futebol-brasileiro-143330079.html> >, Acesso em: 6 de fevereiro de 2016

ZERO HORA. *Em julgamento por caso de racismo, Esportivo é punido com perda de cinco mandos de campo e multa de R\$ 30 mil*. Disponível em: < <http://zh.clicrbs.com.br/rs/esportes/gauchao/noticia/2014/03/em-julgamento-por-caso-de-racismo-esportivo-e-punido-com-perda-de-cinco-mandos-de-campo-e-multa-de-r-30-mil-4445644.html> >, Acesso em: 22 de janeiro de 2016

_____. *STJD retira três pontos, e Grêmio está eliminado da Copa do Brasil*. Disponível em: < <http://zh.clicrbs.com.br/rs/esportes/gremio/noticia/2014/09/stjd-retira-tres-pontos-e-gremio-esta-eliminado-da-copa-do-brasil-4607534.html> >, Acesso em: 6 de fevereiro de 2016

ANEXOS

Anexo 1

	UOL Esporte			GloboEsporte.com			TOTAL
	Sem. 1	Sem. 2	Total	Sem. 1	Sem. 2	Total	
Tinga	38	—	38	43	—	43	81
Daniel Alves	28	5	33	50	10	60	93
Aranha	59	21	80	101	33	134	214

Anexo 2

	UOL Esporte														TOTAL
	Semana 1							Semana 2							
	Dia 1	Dia 2	Dia 3	Dia 4	Dia 5	Dia 6	Dia 7	Dia 8	Dia 9	Dia 10	Dia 11	Dia 12	Dia 13	Dia 14	
Tinga	19	7	3	3	3	1	2	—	—	—	—	—	—	—	38
Daniel Alves	2	10	4	8	1	2	1	2	0	1	1	0	1	0	33
Aranha	20	5	4	3	7	10	10	10	5	2	1	1	1	1	80

Anexo 3

	GloboEsporte.com														TOTAL
	Semana 1							Semana 2							
	Dia 1	Dia 2	Dia 3	Dia 4	Dia 5	Dia 6	Dia 7	Dia 8	Dia 9	Dia 10	Dia 11	Dia 12	Dia 13	Dia 14	
Tinga	16	10	3	7	1	3	3	—	—	—	—	—	—	—	43
Daniel Alves	7	19	12	7	3	1	1	3	2	1	1	0	3	0	60
Aranha	39	7	10	9	11	14	11	7	2	3	6	7	5	3	134

Anexo 4

	UOL Esporte				GloboEsporte.com			
	"Macaco"	"Racismo"	MM	MR	"Macaco"	"Racismo"	MM	MR
Tinga	44	82	1,1	2,1	42	120	0,97	2,8
Daniel Alves	47	58	1,4	1,75	62	161	1	2,7
Aranha	126	167	1,6	2	197	217	1,4	1,6

MM – Média de aparições da palavra “macaco” por matéria
 MR – Média de aparições da palavra “racismo” por matéria

Cruzeiro leva virada do Real Garcilaso e estreia com derrota na Libertadores

49

Do UOL, em Belo Horizonte 12/02/2014 | 23h55



Ouvir texto

Imprimir

Comunicar erro



Estreias de Flamengo e Cruzeiro na Libertadores

29 fotos

Egídio faz jogada para o Cruzeiro contra o Real Garcilaso pela Libertadores

AP

Photo/Karel Navarro

LIBERTADORES

Classificação
e jogos

Depois de uma boa atuação no primeiro tempo, quando saiu na frente, o Cruzeiro não resistiu à altitude de Huancayo, no Peru, levou a virada do Real Garcilaso, que venceu por 2 a 1, e estreou com derrota fora de casa na Libertadores nesta quarta-feira.

Anexo 6

Veja também	
	Alvo de gestos racistas, Tinga lamenta: "a gente fica muito chateado"
	Presidente do Atlético-MG esquece rivalidade e lamenta racismo contra Tinga
	Patrocinado <i>É possível embarcar num voo com a CNH? Veja as regras</i>
	Globo e Fox Sports irritam internautas com escolhas na Libertadores
	Fla esbarra em tabu e expulsão e inicia Libertadores com derrota no México

Anexo 7

 MENU





LIBERTADORES

12/02/2014 23h57 - Atualizado em 13/02/2014 08h57

Em noite de ato racista de peruanos, Cruzeiro perde para o Real Garcilaso

Raposa sai na frente, mas permite virada na altitude de Huancayo. Jogo é marcado por atitudes lamentáveis de torcedores contra o volante Tinga

Por GloboEsporte.com
Huancayo, Peru

 FACEBOOK

 TWITTER







O Cruzeiro estrearia na Taça Libertadores enfrentando dois adversários: os 3.200 metros de Huancayo e o Real Garcilaso. Dentro de campo, a Raposa abriu o placar com Bruno Rodrigo, mas acabou permitindo a virada nos 3.200 metros acima do nível do mar em Huancayo, no Peru, e viu o adversário festejar o 2 a 1, com gols de Britez e Rodriguez. Fora de campo, no entanto, um terceiro rival apareceu para manchar não apenas o triunfo da equipe anfitriã, mas principalmente o futebol.

Torcedores peruanos protagonizaram cenas lamentáveis de racismo ao imitarem macaco nas arquibancadas a cada toque na bola do volante **Tinga**.

uol esporte Futebol

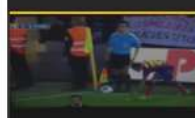
JOGOS ▾ GOLS MERCADO DA BOLA BRASILEIRÃO SÉRIE B SÉRIE C SÉRIE D COPA DO BRA

Daniel Alves ironiza ato racista e come banana jogada por torcida; veja 120

Do UOL, em São Paulo 27/04/2014 | 17h48



Villarreal x Barcelona - 6 vídeos >>



Daniel Alves come banana atirada ao campo antes de escanteio



Messi vira o jogo para o Barcelona contra o Villarreal



Zagueiro do Villarreal manda bola para as próprias redes



Gabriel Paulista marca gol contra para o Barcelona

ESPAÑHOL

Classificação e jogos

O lateral brasileiro Daniel Alves foi um dos mais importantes personagens da vitória de virada do Barcelona (3 a 2) sobre o Villarreal neste domingo. O time catalão perdia por 2 a 0 até metade do segundo tempo, quando Alves iniciou a virada.

Primeiro, ele chutou cruzado, a bola desviou no zagueiro Gabriel Paulista e entrou: 2 a 1. Depois, ele cruzou pelo alto e outro zagueiro do Villarreal cabeceou contra a própria meta: 2 a 2.

Durante a partida, o lateral também respondeu com bom humor uma provocação racista da torcida.

Uma banana foi arremessada no campo quando ele ia cobrar um escanteio. O lateral catou a banana do chão, a descascou e a comeu antes de fazer a cobrança.

Na saída do gramado, o lateral comentou seu gesto. "Estou há onze anos na Espanha, e há onze anos é igual... tem que rir desses atrasados."

27/04/2014 18h03 - Atualizado em 27/04/2014 19h36

Daniel Alves é alvo de racismo, Barça vence de virada e segue na cola do Atlético

Em dia de homenagens a Tito Vilanova, catalães demoram a engrenar, se recuperam no 2º tempo e Messi garante a vitória. Quatro pontos separam o Barcelona do líder

Por **GloboEsporte.com**
Villarreal, Espanha

Comente agora

Tweetar

Recomendar 316

APÁTICO, BARCELONA SOFRE RENASCENDO DAS CINZAS



No primeiro jogo após a morte do ex-treinador Tito Vilanova, que faleceu na última sexta-feira, vítima de câncer, o Barcelona sofreu para vencer o Villarreal por 3 a 2 de virada, mas conseguiu o mais importante: seguir na cola do Atlético de Madrid, na briga pelo título do Campeonato Espanhol. O Barça teve uma atuação irregular, porém, mostrou uma característica que deve ter feito o antigo comandante ficar

satisfeito: poder de reação. O time perdia por 2 a 0 e reuniu forças, apesar dos vários problemas que vem enfrentando na temporada, para se recuperar quando um triunfo parecia improvável.

Daniel Alves participou de dois gols, mas chamou a atenção por ter superado um episódio triste, sendo alvo de racismo. Uma banana foi atirada na direção do brasileiro, que ignorou a ofensa e ainda comeu a fruta. **Veja como foi no vídeo acima.**

uol esporte Futebol

JOGOS • GOLS • MERCADO DA BOLA • BRASILEIRÃO • SÉRIE B • SÉRIE C • SÉRIE D • COPA DO BR

Santos bate o Grêmio em Porto Alegre e encaminha avanço. Felipão é expulso

Marinho Seldanha
Do UOL, em Porto Alegre 28/08/2014 | 21h50



COPA DO BRASIL

Classificação e jogos

O Santos foi eficiente e venceu o Grêmio por 2 a 0, nesta quinta-feira, na Arena, em Porto Alegre. O placar, no entanto, não indica como foi a partida. Os gaúchos empilharam chances perdidas, mesmo sem o técnico Luiz Felipe Scolari, que foi expulso no intervalo por xingar o árbitro. O resultado dá larga vantagem ao alvinegro para o duelo de volta.

Com a vitória, o Santos pode até perder por um gol de vantagem que avança na Copa do Brasil. Ao Grêmio cabe buscar vencer por mais de dois gols de vantagem, ou dois, desde que marque mais de duas vezes como visitante, para avançar.

Robinho se confirmou como algoz gremista. Foi o 9º jogo do atacante contra os gaúchos e quarto gol marcado. Ele fez o segundo do time paulista. Antes, David Braz havia marcado seu primeiro gol com a camisa da equipe.

O jogo de volta ocorre na próxima quarta-feira às 22h na Vila Belmiro. Antes, o Grêmio terá pela frente o Bahia, domingo, na Arena, pelo Brasileirão. O Santos pega o Botafogo, também domingo, no Rio de Janeiro.

A partida desta noite ainda ficou marcada por um episódio de racismo. O goleiro Aranha foi chamado de "preto", "fedido", entre outras palavras, e fez um longo desabafo após o jogo.



28/08/2014 22h04 - Atualizado em 28/08/2014 22h30

Santos vence Grêmio e tem grande vantagem; Aranha denuncia racismo

Com os 2 a 0 (um deles irregular), Peixe pode até perder por um gol na Vila. Goleiro santista diz ter sido xingado. Gremistas reclamam do juiz

Por **GloboEsporte.com**
Porto Alegre



momento decisivo

45 do 1º tempo

Lucas Lima mata com o braço e arranca rumo ao gol. Ele chega à linha de fundo e cruza para Robinho finalizar o placar.

polêmica

Arbitragem

Além do lance de mão de Lucas, os gremistas reclamaram pênalti em Zé Roberto, no início do segundo tempo. Felipão foi expulso.

lamentável

Racismo

Aranha disse que foi xingado com ofensas racistas por torcedores do Grêmio e deixou o gramado inconformado.

O Santos conquistou uma importante vitória sobre o Grêmio, nesta quinta-feira, em Porto Alegre, pelas oitavas de final da Copa do Brasil. O placar de 2 a 0 soou como uma goleada para os alvinegros, que foram cirúrgicos: passaram a maior parte do tempo presos em seu campo de defesa, sofrendo uma pressão intensa do Tricolor. Nas pouquíssimas chances de gol que tiveram, não desperdiçaram: David Braz abriu o placar; Robinho completou. Ambos no primeiro tempo. Os gremistas reclamaram muito da arbitragem. De fato, o segundo gol santista saiu de uma jogada irregular de Lucas Lima, que ajeitou com o braço antes de arrancar e dar a assistência para Robinho.

A marca negativa do jogo: o goleiro Aranha, do Santos, disse ter sido ofendido com xingamentos racistas por torcedores do Tricolor. Imagens da ESPN mostram uma garota com um grupo de rapazes fazendo sons de um macaco.

saiba mais

Tempo Real: todos os lances do jogo

Veja a tabela da Copa do Brasil

- Quando gritaram "preto fedido" e "cambada de preto", eu tentei aguentar. Mas quando começou o corinho fazendo barulhos de macaco, eu não aguentei - afirmou Aranha, que cobrou providências das autoridades, mas não confirmou se tomará alguma atitude.

Com o resultado, o Peixe pode até perder por um gol no jogo de volta, na Vila Belmiro, quarta-feira que vem. O Tricolor precisará vencer por três para avançar direto (ou por dois, desde que faça ao menos três). Caso devolva os 2 a 0, o time gaúcho força a decisão por penalidades.